

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
CURSO DE JORNALISMO

CLARICE BERTONI

**MARIELLE FRANCO: ANÁLISE CULTURAL DA PRODUÇÃO DE SENTIDO DAS  
REPORTAGENS DO JORNAL NACIONAL E FANTÁSTICO**

UBERLÂNDIA

2018

CLARICE BERTONI

**MARIELLE FRANCO: ANÁLISE CULTURAL DA PRODUÇÃO DE SENTIDO DAS  
REPORTAGENS DO JORNAL NACIONAL E FANTÁSTICO**

Projeto de pesquisa apresentado como exigência parcial para aprovação na disciplina Pesquisa em Comunicação II, do curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia, sob coordenação do Prof. Dr. Gerson de Sousa.

Orientação: Prof. Dr. Gerson de Sousa

UBERLÂNDIA

2018

CLARICE BERTONI

## **MARIELLE FRANCO: ANÁLISE CULTURAL DA PRODUÇÃO DE SENTIDO DAS REPORTAGENS DO JORNAL NACIONAL E FANTÁSTICO**

Projeto de pesquisa apresentado como exigência parcial para aprovação na disciplina Pesquisa em Comunicação II, do curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia, sob coordenação do Prof. Dr. Gerson de Sousa.

Orientação: Prof. Dr. Gerson de Sousa

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Gerson de Sousa

Orientador

---

Profª Drª Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Examinadora

---

Profª Drª. Vanessa Matos dos Santos

Examinadora

Uberlândia, 13 de dezembro de 2018.

À minha filha Marina, que mesmo sem entender porque, dividiu o tempo de diversão e brincadeira que almejava e precisava ao meu lado, com a minha dedicação à universidade e ao trabalho. Além de me inspirar a ser cada vez melhor como mulher, mãe, estudante e profissional. Com ela e para ela.

## AGRADECIMENTO

Voltar pra UFU 11 anos após minha graduação, não foi uma decisão simples. Como o curso de Jornalismo é integral, não pude conciliar com um trabalho formal, então precisei enxugar as despesas e pegar “freelas” para saldar as contas. Durante as tardes Marina, hoje com seis anos, está na escola. Porém, no período da manhã eu não tenho com quem deixá-la, por esse motivo contei com a boa vontade e paciência de todos os meus professores e colegas ao longo destes quatro períodos.

Neste semestre, apesar de ter feito seis matérias e não as nove ou dez dos semestres anteriores, acabei me enrolando mais do que de costume. O TCC II acabou ficando no mesmo semestre que os artigos das duas Pós-graduações, as reportagens para o Senso, o estágio no Tiro Livre, o trabalho no Hotel e as provas de concurso público. Escrevo este agradecimento com o coração apertado por não ter organizado melhor meu tempo, me esforçado um pouco mais, trabalhado com mais afinco e dedicação.

Talvez a escolha de abraçar tudo que me foi proposto nestes dois anos, por muitas vezes, não tenha permitido que eu possa ser a melhor versão de mim. Mas, sem dúvida, foram quatro semestres de muito aprendizado, que me proporcionaram experiências engrandecedoras e me fizeram um profissional e ser humano melhor. Para além do conhecimento acadêmico, levo desta minha nova experiência na universidade lições de generosidade, de compreensão e de perseverança.

Agradeço a todos os meus professores, por compartilharem seus conhecimentos. Em especial ao meu orientador, Gerson de Sousa, pela dedicação e serenidade com minha má organização do tempo e dificuldade em “dar um passo de cada vez”. Vanessa Matos dos Santos, pelo apoio em momentos complicados da graduação. Óscari, pela boa vontade em me ajudar a driblar as burocracias. E a todos os colegas, que receberam a mim e a minha filha de forma respeitosa e acolhedora.

Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

Machado de Assis

BERTONI, Clarice. MARIELLE FRANCO: ANÁLISE CULTURAL DA PRODUÇÃO DE SENTIDO DAS REPORTAGENS DO JORNAL NACIONAL E FANTÁSTICO. 2018. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

### **RESUMO**

Este trabalho discute e analisa a produção de sentido das reportagens do Jornal Nacional e do Fantástico a partir do princípio editorial da Rede Globo e da identidade da vereadora Marielle Franco, morta na noite do dia 14 de março de 2018. A apresentação de ambos os veículos permitem identificar quais características do sujeito são ressaltadas e quais são omitidas, de forma a verificar se a representação da parlamentar está em conformidade ou disparidade com sua identidade. A análise é baseada na teoria dos Estudos Culturais e no método de Análise Cultural, de forma a valorizar a contextualização histórica e as vivências particulares no processo comunicativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise Cultural. Identidade. Representação. Comunicação.

BERTONI, Clarice. MARIELLE FRANCO: ANÁLISE CULTURAL DA PRODUÇÃO DE SENTIDO DAS REPORTAGENS DO JORNAL NACIONAL E FANTÁSTICO 2018. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

### **ABSTRACT**

This paper discusses and analyzes the production of meaning of the reports of Jornal Nacional and Fantástico based on the editorial principle of Rede Globo and the identity of the Marielle Franco, murdered on the night of March 14, 2018. The presentation of both vehicles allow to identify which characteristics of the subject are highlighted and which are omitted, in order to verify if the representation of the parliamentar is in conformity or disparity with its identity. The analysis is based on the theory of Cultural Studies and the method of Cultural Analysis, in order to value the historical contextualization and the particular experiences in the communicative process.

**KEYWORDS:** Cultural Studies. Identity. Representation. Communication.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 MARIELLE FRANCO.....	13
2 JORNAL NACIONAL.....	24
3 FANTÁSTICO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	47

## INTRODUÇÃO

Até então desconhecida para a maior parte do Brasil, após sua execução, a vereadora pelo Rio de Janeiro Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (Psol), estampou a capa de jornais e revistas por todo o país. Notícia de destaque nos meios de comunicação, virou tema de discussões ideológicas nas redes sociais e causou comoção na população, levando milhares de pessoas às ruas em protesto. A imprensa internacional também acompanhou o caso de perto, jornais importantes como o britânico *The Guardian*, o francês *Le Monde*, os norte-americanos *The New York Times* e *Washington Post*, reproduziram em seus sites e programas, informações sobre a parlamentar, o crime e a violência na capital fluminense. A anistia internacional disse que o caso é gravíssimo e pediu uma investigação imediata e rigorosa.

Apesar do advento das novas tecnologias, principalmente da internet, a televisão ainda ocupa lugar de destaque na sociedade brasileira. Oitenta e nove por cento da população diz se informar por este meio de comunicação, sendo que sessenta e três por cento têm na TV o principal meio de informação. Os dados são da "Pesquisa Brasileira de Mídia - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira", divulgada em 2017 pela Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal<sup>1</sup>. Por esse motivo, foram escolhidos como objeto de pesquisa, o primeiro *Jornal Nacional* e o primeiro *Fantástico*, após a execução de Marielle Franco. A escolha se fez porque apesar de apresentarem propostas jornalísticas diferentes, integram uma mesma emissora, portanto, uma mesma linha editorial e ambos são líderes nacionais de audiência.

Dentro da linha dos Estudos Culturais ingleses, a proposta da pesquisa é analisar se o sujeito apresentado nos programas da Rede Globo mantém a identidade deste, no seu contexto cultural. Aqui, adotamos identidade como as posições que Marielle Franco assumiu em vida e com as quais se identificava. E cultura na qualidade de modo de viver e enxergar o mundo em sociedade. Os Estudos Culturais podem ser compreendidos como um campo de teoria e investigação que serve-se de diversas disciplinas científicas, para estudar os processos de produção cultural da sociedade. Problematizando a cultura, proporcionando um debate voltado à ampliação do seu significado e configurando espaços alternativos para fazer frente às tradições da elite dominante.

---

<sup>1</sup> Última pesquisa realizada e divulgada pela Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal.

Na contemporaneidade, tornaram-se pauta nas mais diferentes disciplinas sendo hoje reconhecidos como teoria e método de análise utilizada em diferentes áreas como por exemplo Antropologia, Filosofia, Artes, Educação e Comunicação, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado. De acordo com Hartley (2003), os Estudos Culturais se interessam pela cultura popular, pela vida cotidiana, pelos subúrbios, pela ideologia, pelo discurso e a visualidade. Por este ângulo, podemos compreender que trazem em si a necessidade de pensar estes e outros temas, relacionando-os com assuntos polêmicos da contemporaneidade.

A representação é a associação de sentidos que determinamos a algum acontecimento ou sujeito. Se viabiliza, principalmente, através da linguagem. Du Gay et al. (1997) afirma que é através da cultura que as coisas "fazem sentido", e o "trabalho de construção de significados" se faz pela forma como nós as representamos. Um dos principais meios de representação da cultura é a linguagem, que não se reduz a palavras escritas ou faladas. Mas qualquer sistema de representação, entre eles, a televisão. Stuart Hall (2003) salienta que as identidades culturais são plurais e móveis, dependendo da situação em que nos encontramos, nossos sentimentos de pertencimento e diferença são acionados. É possível que, em situações divergentes, identidades culturais diferentes – identidade nacional, social, étnica, de gênero, etc. – podem prevalecer umas sobre as outras no processo de interpretação da realidade, espelhando nas ações e relações sociais, assim como, no processo de recepção da televisão.

Raymond Williams (2003) aponta que é necessário distinguir três níveis diferentes de cultura: a "cultura viva" em um momento e lugar determinado, só acessível para quem viveu; a "cultura registrada", aquela produzida e documentada; e a "cultura da tradição seletiva", ponto de encontro entre a cultura viva e os registros da cultura em distintos períodos. De acordo com a sociedade, as especificidades da tradição cultural podem ser vistas nas seleções do que é notícia. Porque a tradição cultural não é somente uma seleção, mas também uma interpretação. Assim, a análise cultural transfere o centro da investigação e aponta as interpretações, as contradições, as alternativas e os valores contemporâneos trazidos para a reportagem.

No presente estudo, foi realizada uma pesquisa aplicada, justificada pela necessidade de produção de conhecimento para o emprego dos resultados, visando a resolução do problema encontrado. Apesar de partir do estudo teórico, a pesquisa não se limita à perspectivas bibliográficas. A fundamentação é apresentada em paralelo com a discussão de dados e em consequência será realizada a análise. Caracterizando-se uma pesquisa aplicada e qualitativa,

utilizando-se da identidade do sujeito, do contexto sócio-político atual, da contextualização e das contradições entre o editorial e a reportagem final dos dois programas escolhidos como objeto de estudo.

O elemento chave da monografia é o sujeito Marielle Franco e o primeiro capítulo é dedicado a apresentá-la. O recorte temporal escolhido foi do dia sete de janeiro de 2017, data em que ela assumiu o cargo de parlamentar, até o dia 14 de agosto de 2018, data em que a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro aprovou, em sessão extraordinária, cinco projetos de lei (PLs) apresentados pela vereadora. Através dos PLs desenvolvidos nos 15 meses de trabalho, de suas lutas dentro e fora da Câmara, da sua postura, discurso e embates manifestados em plenário, e das opiniões e críticas exteriorizadas em suas redes sociais e em uma entrevista, caracterizaremos a sua identidade.

O segundo e o terceiro capítulos, trazem o Jornal Nacional do dia 15 de março de 2018 e o Fantástico do dia 18 de março de 2018 sucessivamente. Ambos foram transcritos e constam no anexo. Os programas são descritos e uma verificação acerca do conteúdo ser considerado reportagem é apresentado. Posteriormente, observaremos os princípios editoriais da Rede Globo, para questionar se os programas da emissora cumprem com o que declaram, e um debate sobre a representação de Marielle Franco em cada um deles é feita, observando o quanto cada um se aproxima ou se distancia da identidade do sujeito. Por fim, nas Considerações Finais são feitas as devidas reflexões acerca de todas as análises, à partir da ótica dos Estudos Culturais.

Nesse sentido, a questão que norteia este trabalho é: “partindo da política editorial e da produção de sentido das reportagens do Jornal Nacional e do Fantástico, qual a representação do sujeito Marielle Franco é apresentada pela Rede Globo? Qual a intencionalidade desta representação?”.

## 1- MARIELLE FRANCO

Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, nasceu em 27 de julho de 1979 na cidade do Rio de Janeiro. Criada no Complexo da Maré, trabalhou como educadora infantil na juventude, se graduou em Ciências Sociais e fez mestrado em Administração. Defendeu as causas das comunidades periféricas, mulheres, negros e LGBTs. Militante pelos direitos humanos, elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro na eleição municipal de 2016 com a quinta maior votação, cerca de 46 mil votos. Crítica da intervenção federal no Rio de Janeiro, dos governantes e da Polícia Militar, denunciou constantemente abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes.

### **A vereadora Marielle**

No dia sete de janeiro de 2017, Marielle Franco tomou posse de seu primeiro mandato legislativo como vereadora pelo Psol na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Empossada, assumiu a defesa das minorias, como prometido durante a campanha. "A gente tem lado, tem classe e tem identificação de gênero" (FRANCO, 2017), discursou em seu primeiro dia no plenário. Lutava pelas causas sociais e nos 15 meses em que atuou, apresentou dezesseis propostas de projetos de lei, duas aprovadas como leis concretas: uma sobre a regulação de moto táxis, importante meio de transporte usado em favelas da cidade do Rio e outra a respeito de contratos da prefeitura com organizações sociais de saúde, alvos frequentes de investigações sobre corrupção.

A parlamentar é a única mulher declarada preta a ser eleita como vereadora do Rio de Janeiro<sup>2</sup>, é o ponto fora da curva dentro da Câmara. Dos 51 parlamentares empossados atualmente, apenas seis são mulheres e somente dois são negros. Marielle é uma das 32 mulheres negras eleitas nas capitais brasileiras em 2016. Trinta e duas, ou 3,9%, de um total de 811 vereadores eleitos nas capitais<sup>3</sup>. Dados do IBGE<sup>4</sup> mostram que a cada dez brasileiros, três são mulheres negras. Essa parcela significativa da população não é reconhecida como parte da

---

<sup>2</sup> Uma mulher autodeclarada parda, Tânia Bastos, do Partido Republicano Brasileiro (PRB), também foi eleita. Eram duas mulheres em um total de 51 vereadores. As classificações "preta" e "parda" são adotadas pelo IBGE, que não utiliza a categoria "negra".

<sup>3</sup> Os dados sobre sexo e cor dos vereadores eleitos foram retirados do site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e consideram a cor autodeclarada pelo candidato, informada no pedido de registro à Justiça Eleitoral.

<sup>4</sup> <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>

política e, por isso, não são alçadas para o lugar de representantes de direito. Esta ausência de um determinado grupo afeta a representação de seus interesses na política. Quando não há representatividade, temas importantes para determinados grupos são votados por um viés não condizente com seus interesses e o resultado, muitas vezes, é conflitante.

No dia 15 de março de 2017, Marielle deu entrada na proposta de lei que inclui o dia da visibilidade lésbica no calendário oficial da cidade do Rio de Janeiro. O projeto define 29 de agosto como dia de luta. A escolha remete à data do 1º Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), que aconteceu em 1996 e se justifica porque as mulheres lésbicas são alvo de violência simbólica, verbal, psicológica, física e econômica em diversos espaços, como no núcleo familiar, no ambiente de trabalho, nos espaços públicos e privados:

É importante ressaltar que as mulheres lésbicas negras e/ou periféricas estão ainda mais vulneráveis a essas diferentes formas de violência. A invisibilidade lésbica se apresenta de muitas formas: quando campanhas de conscientização para a prevenção de DSTs se referem exclusivamente às formas de proteção próprias ao sexo falocêntrico; na dificuldade de contemplação nas fertilizações *in vitro*, na falta de dados e pesquisas sobre as particularidades da violência contra as mulheres lésbicas e na ausência de representatividade lésbica na mídia e na política (PL 82/2017).

Tal projeto, acabou reprovado em segundo turno pelos vereadores por 19 votos contrários contra 17 a favor, no dia 16 de agosto de 2017. No mesmo dia, Marielle se manifestou em uma transmissão de vídeo ao vivo, no facebook, quando defendeu que independentemente da lei não ser aprovada, a discussão e o debate que ela instigou entre os vereadores é de suma importância, pois tirou a casa da zona de conforto. A parlamentar acredita que a Câmara é um lugar conservador e encastelado, um espaço com poucos debates, discussões e questionamentos, e que não à toa, busca cada vez mais o lugar da representatividade e que independe do calendário oficial, haverá disputa pelas datas. “Vai ter mulher lésbica na câmara, a gente se colocando, se dispondo, fazendo a luta pela política pública, a luta pelo orçamento qualificado, negando essa correção, estupro corretivo, negando a violência” (FRANCO, 2017).

Um mês antes da reprovação, em 13 de junho, o prefeito da capital fluminense Marcello Crivella, do Partido Republicano Brasileiro (PRB), publicou a sanção de uma lei aprovada na Câmara que inclui no calendário oficial da cidade o “Dia do Encontro Interdenominacional”, a ser comemorado anualmente no terceiro domingo do mês de setembro. O projeto de lei complementar Nº 40/2017 do vereador Inaldo Silva (PRB), que é Bispo, traz que o projeto tem por objetivo “unir os irmãos de diversas denominações, promover a união entre os irmãos, acabando com qualquer tipo de separação por credo religioso, a final de contas o Pai é Nosso”

(PL 40/2017). E se encerra com um pedido aos pares: o apoio necessário para aprovação desta matéria.

Atualmente, entre os vereadores da Câmara do Rio três são do PRB e vinculados à Igreja Universal: Inaldo Silva, Tânia Bastos e João Mendes de Jesus. Outros três são do Partido Social Cristão (PSC): Claudio Bolsonaro, Cláudio Casto e Otoni de Paula. Há pelo menos mais um com forte ligação com os evangélicos e as pautas conservadoras: Alexandre Isquierdo do Democratas (DEM), este ligado ao pastor Silas Malafaia. A composição do Congresso Nacional, por sua vez, mostra a força dos evangélicos. A frente parlamentar que reúne o setor tem 198 deputados. Ou seja, quase 40% dos 513 que têm mandato na Casa. Eles estão na linha de frente de pautas como a cura gay<sup>5</sup>.

Para discutirmos os motivos de alguns projetos serem aprovados e outros reprovados, trabalharemos com o conceito de identidade. Em “Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais”, Kathryn Woodward (2005) diz que a identidade é relacional. E que depende, para existir, de algo fora dela: outra identidade. Uma identidade que ela não é, mas que, forneça as condições para que ela exista. A identidade é, assim, marcada pela diferença e ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade não é o oposto da diferença, pelo contrário, ela depende da diferença. Nas relações sociais, as diferenças simbólicas e sociais são estabelecidas por meio de classificação. “Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro” (WOODWARD, 2005, p. 40).

Na Câmara, Marielle era o outro e uma semana antes de sua morte discursava em plenário quando um sujeito que acompanhava a sessão da tribuna, passou a gritar interrompendo-a. Ele contradizia suas palavras e defendia a Ditadura Militar. A parlamentar pediu que a Presidência da Casa procedesse como faz quando a galeria interrompe qualquer outro vereador, pedindo que o homem fizesse silêncio. E respondeu a este que “estamos no processo democrático! Vai ter que aturar mulher negra, trans, lésbica, ocupando a diversidade dos espaços” (FRANCO, 2018). Ela não pedia por privilégio, mas pelo tratamento dado a qualquer outro vereador em seu momento de fala. Poder expor seus argumentos sem interrupções, assim como os outros 50 colegas de bancada.

---

<sup>5</sup> PL 4931/2016, de autoria do Deputado Ezequiel Teixeira do Podemos (PODE) Rio de Janeiro.

Independentemente de como Marielle decida afirmar sua identidade, sua escolha é constrangida pelos discursos dominantes sobre a heterossexualidade. Assim como a identidade, a diferença é concebida como algo que refere a si mesmo. Porém, tanto uma quanto a outra, só fazem sentido se compreendidas uma em relação à outra, são inseparáveis. A autora alerta para não nos esquecermos de que tanto a identidade quanto a diferença são criaturas da linguagem e, por esse motivo, criadas cultural e socialmente. Mas apesar disso, carregam o poder de definir:

Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder (WOODWARD, 2005, p.81).

A diferença pode ser construída negativamente, pela exclusão daqueles definidos como “outros”. Cinco meses após seu assassinato, em sessão extraordinária, a Câmara do Rio de Janeiro votou seis PLs de autoria da vereadora, dos quais cinco foram aprovadas em segunda votação. Os parlamentares também aprovaram uma proposta de resolução que batiza o plenário da Câmara de Tribuna Marielle Franco. Entre as propostas aprovadas, consta o PL 17/2017, que institui o programa Espaço Infantil Noturno, uma espécie de creche para atender à demanda de famílias que tenham suas atividades profissionais ou acadêmicas concentradas no horário noturno. O espaço contempla crianças de seis meses a cinco anos e onze meses incompletos, com o desenvolvimento de atividades lúdicas e cuidados adequados a cada período do desenvolvimento infantil e às necessidades das crianças com deficiência.

Em seguida, aprovaram o projeto que inclui o "Dia de Tereza de Benguela e da mulher negra" no calendário oficial da cidade. O PL é um alerta sobre a indissociação histórica do Rio de Janeiro com o africano escravizado. Nela, constam informações históricas sobre Tereza de Benguela e o Quilombo de Quariterê, além dos atuais dados do IBGE. “Segundo o instituto, 71% das mulheres negras estão em ocupações precárias e informais, contra 54% das mulheres brancas e 48% dos homens brancos. O salário médio da trabalhadora negra continua sendo a metade do salário da trabalhadora branca” (PL 103/2017). O PL finaliza esclarecendo que sancionar o dia 25 de julho é reconhecer institucionalmente a importância dessas agentes na luta pela liberdade e direitos.

O terceiro projeto aprovado é o PL 417/2017, que cria uma campanha permanente de conscientização e enfrentamento ao assédio e violência sexual. A campanha tem como objetivos: enfrentar o assédio e a violência sexual nos equipamentos, espaços públicos e transportes coletivos no município do Rio de Janeiro; divulgar informações sobre o assédio e a violência sexual; disponibilizar os telefones de órgãos públicos responsáveis pelo acolhimento e atendimento das mulheres e incentivar a denúncia das condutas tipificadas. Entre as ações previstas pelo projeto estão: promoção de campanhas educativas e não discriminatórias de enfrentamento ao assédio e a violência sexual; formação permanente dos servidores e prestadores de serviço sobre o tema; e a divulgação das políticas públicas voltadas para o atendimento às vítimas.

O PL 515/2017 é o quarto projeto aprovado. Ele institui o programa de efetivação das medidas socioeducativas em meio aberto no âmbito municipal, destinadas aos que cometeram atos infracionais menos graves, ou seja, sem violência ou ameaça. A Lei tem por objetivo: garantir continuidade ao processo de formação do adolescente iniciado com o cumprimento das medidas socioeducativas; fomentar políticas públicas de integração dos serviços governamentais e não-governamentais para a promoção de ações educativas do adolescente em conflito com a Lei; criar oportunidade de ingresso do adolescente no mercado de trabalho; propiciar aos adolescentes as condições para exercer uma iniciação profissional; estimular a inserção ou reinserção do adolescente no sistema educacional e, quando necessário, proporcionar o reforço escolar a fim de garantir e melhorar o processo de escolarização.

E o PL 555/2017, que cria o Dossiê Mulher Carioca, um estudo que reúne estatísticas periódicas sobre as mulheres atendidas pelas políticas públicas do município. A lei estipula que deverão ser tabulados e analisados todos os dados em que conste qualquer forma de violência que vitime a mulher. Os dados analisados serão extraídos das bases de dados da Saúde, Assistência Social e Direitos Humanos, a periodicidade não poderá ser superior a doze meses e a metodologia utilizada deverá seguir um padrão único para a coleta e tabulação dos dados. O Dossiê contribui para a construção de políticas públicas eficazes de acolhimento e proteção às mulheres em situação de violência, e auxilia na identificação de possíveis assimetrias entre regiões do município, evidenciando as prioridades e enfoques de atuação do poder público municipal.

Os projetos que passaram pela segunda votação, seguem para aprovação do prefeito Marcelo Crivella, que é pastor evangélico. O projeto não aprovado, PL 72/2017, que estabelece um dia Municipal da Luta Contra a Homofobia, Lesbofobia, Bifobia e Transfobia, acabou

adiado por falta de consenso entre os parlamentares, a pedido do vereador Cláudio Castro (PSC), da bancada católica. O projeto ficou para uma próxima sessão, o que na prática significa que só voltará à discussão daqui a meses. O parlamentar afirmou que “existe uma discussão muito concentrada em uma camada da população que sofre discriminação, mas esse debate tem de ser ampliado. Há outros preconceitos, como a gagueira e o bullying” (CASTRO, 2018).

Outros parlamentares defendem que o tema tivesse abrangência mais ampla e fosse um dia de luta contra o preconceito. O vereador Alexandre Isquierdo (Dem), ligado à Assembleia de Deus Vitória em Cristo, acrescentou que muitos políticos são contra debate ideológico sobre gênero. “Todos somos contra discriminações, mas, por trás desses projetos, está uma tentativa de abrir espaço para que a questão de gênero entre em debate nas escolas com viés de convencimento. E com isso nós não concordamos” (ISQUIERDO, 2018). Tarcísio Motta do PSol lamentou que a bancada fundamentalista não permita que no calendário oficial da cidade tenha esta data. E afirmou que “quem é LGBT ou apoia a luta LGBT sabe que não precisamos de um dia oficial para passar todos os dias lutando contra LGBTfobia.” (MOTTA, 2018).

A diferença separa uma identidade de outra, estabelece divergências e desigualdades, frequentemente na forma de oposição. Woodward (2005) versa que a identidade também está relacionada a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como tabu, como é o caso da homossexualidade dentro da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, isso acarreta efeitos danosos porque o grupo é socialmente excluído e sofre com desvantagens materiais, como a não aprovação de seus projetos de lei. Social e simbólico são processos distintos, porém, necessário para a construção e a manutenção das identidades. “A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são vividas nas relações sociais” (WOODWARD, 2005, p. 14).

Marielle Franco enquanto vereadora defendeu as causas dos menos favorecidos financeiramente, das mulheres, dos negros e LGBTs. A parlamentar redigiu 16 projetos de lei, obtendo aprovação nos que refletiam sua luta em favor dos moradores das comunidades carentes da capital fluminense, dos jovens marginalizados, das mulheres com filhos pequenos, do combate a violência contra a mulher e no reconhecimento institucional da importância das mulheres negras na luta pela liberdade e direitos. Mas nenhum de seus projetos que versava sobre homossexualidade teve sua aprovação deferida na Câmara do Rio de Janeiro.

A diferença pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, mas não é o que acontece na Câmara dos Vereadores. Marielle é mãe, oriunda de comunidade carente, negra e lésbica. “Conflitos surgem das tensões entre as expectativas e as normas sociais. Por exemplo, espera-se que as mães sejam heterossexuais. Identidades diferentes podem ser construídas como “estranhas” ou “desviantes” (WOODWARD, 2005, p. 32). Algumas dessas identidades se referem a aspectos pessoais da vida da parlamentar, tal como a sexualidade. Porém, a forma como experimentamos nossas identidades sexuais é regida pelos significados culturais sobre a sexualidade, produzidos por meio de sistemas dominantes de representação.

Em seu artigo “Stuart Hall e o trabalho das representações” (2008, pg. 11) Santi cita Hall, que “ênfatiza a propriedade do discurso de, ao mesmo tempo em que produz sujeitos, determinar um lugar a ser ocupado por esse sujeito”, sugerindo que os “próprios discursos constroem as posições de sujeito a partir das quais esses se tornam significativos e efetivos”. Sendo assim, os indivíduos se distinguem por suas características étnicas, raciais, de classe social e gênero, mas não têm significado enquanto não se identificam com as posições construídas pelo discurso. Independentemente de quais conjuntos de significados são construídos pelos discursos, eles só se efetivam se convertem o indivíduo enquanto sujeitos, se posicionando a si próprios. São as posições que Marielle assumiu em vida e com as quais se identificava, assim como seu compromisso com a luta pelos direitos das minorias que constituem e definem suas identidades.

### **O posicionamento contra-hegemônico de Marielle**

Em fevereiro de 2018, Marielle Franco se tornou relatora de uma comissão de vereadores que acompanha o trabalho de militares na intervenção federal da Segurança Pública do Rio, dispondo do Exército em áreas empobrecidas da cidade. Constitucionalmente, o Congresso tem suas prerrogativas reduzidas e a Justiça Militar substitui em parte a Justiça Civil para assuntos de segurança, situação que afeta diretamente a vida das camadas populares. Em uma pesquisa conduzida pelo Instituto Ipsos, na primeira quinzena de março deste ano, constatou-se que a intervenção federal no Rio tem apoio da maioria da população brasileira, 75 %. E apenas dois em cada dez entrevistados no Brasil todo, 18 %, se posicionaram contra a ação militar. A vereadora não faz parte destes 75 % e chama atenção para a insensibilidade de órgãos políticos e midiáticos na abordagem do tema. Em uma entrevista concedida ao Correio

da Cidadania disse que “muitas vezes, a mídia foca no debate técnico-jurídico e pouco cioso da noção de que, para quem mora em certas regiões da cidade, pouca diferença faz, dado que o Estado militarizado e o próprio exército em suas áreas é uma tradição” (FRANCO, 2018).

Criada no complexo de bairros da Maré, região com vasto histórico de militarização e, por outro lado, organização social e comunitária, a parlamentar se posiciona de forma crítica com relação a ação. Ela relata que sentiu na prática o que é dormir e acordar com barulho de tanque, revistas e violações de direitos<sup>6</sup> e acredita que a população da Maré “se vê sob o jugo de muitos fuzis, seja das Forças Armadas, da PM ou do crime. É um elemento que vulnerabiliza quem mora lá e ao invés de pensar numa perspectiva inclusiva, cidadã, com alternativas ao varejo da droga, infelizmente chega com a mão forte do general” (FRANCO, 2018). Neste contexto podemos compreender a natureza da ordem social como hegemonia cultural, ou seja, um sistema de poder baseado não só na coerção como também no consentimento voluntário das classes dominada. Se os indivíduos possuem crenças que reforçam a própria natureza social que os oprime, então essas não desaparecerão de forma automática quando surgirem as condições objetivas para a transformação.

Em “Concepção dialética da história” Antonio Gramsci (1978) afirma que muitas vezes, quando um determinado grupo social se encontra numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adota a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em desacordo com a sua atividade prática. E ressalta que esta concepção do mundo imposta pelo ambiente exterior é desprovida de consciência crítica e coerência. Conclui, portanto, que “não se pode destacar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são, também elas, fatos políticos” (GRAMSCI, 1978 a, p. 15). A subordinação vivida pelos moradores das periferias somada ao sentimento de insegurança, aos altos índices de violência e a ação midiática se reflete na porcentagem de aprovação da Intervenção. A vereadora chama atenção para o fato de que o sentimento de insegurança é generalizado, mas que nas favelas é ainda maior pois “o que se assiste nas áreas pobres é abuso, ações inócuas no combate à violência, como revistar mochila das crianças e fotografar cidadãos” (FRANCO 2018). E conclui que além de não coibir a criminalidade, criminaliza a pobreza.

Gramsci (1978) sustenta que o poder da classe dominante sobre a classe dominada é sustentado por duas formas de controle: a da força com base política na imposição e a da

---

<sup>6</sup> A Força Nacional ocupou a Maré por 14 meses na época das Olimpíadas do Rio.

concordância. Isto sugere que na relação entre a classe dominante e a classe subordinada há sempre uma dimensão pedagógica ou educacional de importância variável, enquanto que a força política se concentra no Estado, a dominação ideológica está associada às instituições da sociedade civil como a educação, a religião e as comunicações de massa. Marielle combate a negação de direitos a população empobrecida e se coloca como exemplo concreto quando afirma que “em 97, 98, a proporção de alunos universitários na Maré era de 1 % da população. Hoje, temos cerca de 10 % da população local na universidade, graças a cursinhos populares e comunitários promovidos pela sociedade civil, não por políticas públicas”. A realização de um aparato hegemônico cria um novo terreno ideológico e determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento.

A vereadora analisa o quadro atual da violência na cidade do Rio com “receio e preocupação. Na opinião da vereadora, a intervenção militar é uma farsa, criada para melhorar a imagem da segurança pública, salvar o PMDB e beneficiar a indústria do armamentismo. “Não à toa o Temer se reuniu com seu time de marqueteiros para avaliar os impactos do anúncio da intervenção”. Ela chama a atenção para o fato de que é a segunda ocupação que ocorre em ano de eleição e aponta para a atual situação do Rio de Janeiro:

O primeiro sentimento que podemos tirar das ruas é o reflexo pelo estado do Rio, em todos os aspectos que precisamos dar conta: servidores sem salários, um sistema de transporte que não funciona, uma cidade e região metropolitana que não têm condições de dar garantias de direitos sociais a seus moradores. Tivemos recentemente duas ou três chuvas com alagamentos pela cidade. O mesmo grupo governa o Rio desde 2007 (...) O Rio está em frangalhos, sem recursos e governado por quem não tem legitimidade (...) Pezão usa o senso comum pra respirar um pouco. Bem de acordo com a história do PMDB, faz um movimento de cúpula, que leva a cidade à falência e depois joga a culpa no outro, como se Pezão não fosse vice do Cabral (FRANCO, 2017).

Porém, mesmo em meio a uma crise de autoridade, a classe dominante apresenta vantagens com relação às classes dominadas, na medida em que possui um número grande de apoiadores com poder de mudar sua forma de agir e retomar o controle (Gramsci, 1978b, p. 55). O discurso crítico de Marielle é contrário à posição do Estado, das instituições e da mídia em geral e por esse motivo tão combatido. Gramsci traz que a consciência crítica é adquirida através de uma disputa de hegemonias que se contrastam no âmbito político. E enfatiza a necessidade de se compreender o desenvolvimento político do conceito de hegemonia não apenas como progresso político-prático, mas como um “progresso filosófico, já que implica e supõe necessariamente uma unidade intelectual e uma ética adequadas a uma concepção do real que

superou o senso comum e tornou-se crítica, mesmo que dentro de limites ainda restritos” (GRAMSCI, 1978a, p. 21).

Antes mesmo da Intervenção Federal, Marielle reprovava a compactuação de policiais com grupos criminosos e alertava para a necessidade de um debate a respeito do que faz alguns agentes da polícia entrarem em facções de milicianos. Também se posicionava contrária as ações de Segurança Pública no Rio de Janeiro. Principalmente as ações policiais que culminavam com a morte de crianças e jovens em favelas de comunidades. Em suas redes sociais era recorrente as denúncias contra a instituição. Em setembro de 2017, ao ser questionada no Twitter sobre a concentração de seus ataques contra a violência policial e miliciana, enquanto traficantes não eram sequer citados, respondeu: "Do tráfico não se cobra a lei e o respeito. Eu cobro essa postura é do Estado" (FRANCO, 2017). E insinuou que havia traficantes em apartamentos de luxo em Brasília e no Leblon.

No dia 10 de março, Marielle fez uma publicação nas redes sociais apontando supostas ações violentas da Polícia Militar no Acari, bairro da zona norte carioca. A postagem trazia uma imagem com as frases "Parem de nos matar" e "Somos todos Acari", junto da hashtag "Vida nas favelas importam". Na mesma data, denunciou: "Precisamos gritar para que todos saibam o que está acontecendo em Acari, neste momento. O 41º batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro está aterrorizando e violentando os moradores de Acari. Nessa semana, dois jovens foram mortos e jogados num valão". Nos últimos oito anos, o 41º batalhão da PM, que fica em Irajá, é a unidade que mais registrou mortes em confrontos, ao todo 567, das mais de cinco mil no estado.

A última denúncia publicada, um dia antes de ser assassinada a tiros no centro do Rio, no dia 13 de março, era um desabafo sobre a criminalidade na capital fluminense e uma crítica a violência policial no Rio. "Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para a conta da PM. Matheus Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?" (FRANCO, 2018. A publicação se refere à morte de um homem de 23 anos, que ao sair de um culto em Manguinhos, levou a namorada em casa, na favela do Jacarezinho e ao retornar, na Avenida Dom Hélder Câmara, morreu vítima de arma de fogo. A família acusa a Polícia Militar. A posição contra hegemônica da vereadora se desenvolve a partir de um enfrentamento com práticas articulatórias antagônicas.

A lógica de equivalência corresponde a uma simplificação do espaço político em dois inconciliáveis, enquanto a lógica da diferença tende a expandir e tornar complexo esse espaço.

Já que uma identidade não pode ser representada de forma direta, ela é representada de forma indireta pela equivalência de seus momentos distintos. Na relação de equivalência, as diferenças são canceladas ou redefinidas devido à centralidade do que é comum a todas elas, mas que não podem ser construídos de maneira positiva. Através da equivalência, certas formas discursivas anulam a positividade de um objeto e dão uma existência real à negatividade enquanto tal (Laclau e Mouffe, 2004, 171-174). Os autores afirmam que a dialética que se estabelece entre a lógica da diferença e a lógica da equivalência, possibilita a universalidade da relação hegemônica, concebida de maneira específica, uma vez que o vínculo hegemônico transforma a identidade dos sujeitos.

## 2- JORNAL NACIONAL

“Indignação e luto no Brasil. A socióloga, líder comunitária e vereadora pelo PSOL, Marielle Franco, é executada a tiros”. É assim que o Jornal Nacional, do dia 15 de março, apresenta Marielle Franco e é a partir desta perspectiva que faz sua representação ao longo de 36 minutos. O programa mostra o carro perfurado por projéteis e os policiais trabalhando no local do crime; a vereadora em uma roda de conversa com mulheres negras na Lapa, minutos antes do assassinato; o trajeto do veículo até o momento da emboscada no google maps; uma simulação de como teria acontecido a abordagem; imagens da assessora da parlamentar, única sobrevivente, logo após a execução; a segunda perícia no carro, na manhã seguinte; o facebook da vereadora acusando policiais militares do de aterrorizar e violentar moradores na favela de Acari; a foto de Matheus Melo, jovem morto ao sair de um culto em Mangueiras e a última denúncia publicada por ela, contra a PM, em suas redes sociais.

Vídeos do arquivo pessoal mostram Marielle em uma entrevista para a televisão, um discurso informal e uma caminhada pelos becos de uma favela enquanto sua voz, em off, diz que uma coisa é viver na favela, outra coisa é reivindicar e usar desse lugar de favelada pra fazer política de outra maneira; imagens aéreas do complexo de favelas da Maré, lugar onde Marielle nasceu e cresceu e a parlamentar discursando na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, em um comício ao lado do Deputado Estadual Marcello Freixo (Psol); a multidão que se aglomerava frente à Câmara, para acompanhar seu velório; o enterro no cemitério do Caju, único momento em que sua mulher Mônica Benício aparece no vídeo, chorando ao lado do caixão. Ao vivo, o “glopocop” sobrevoou a Cinelândia, onde milhares de pessoas protestavam em vigília, gritavam palavras de ordem, rezavam e pediam por justiça.

Muitas foram as fontes ouvidas, entre elas o chefe da polícia civil do Rio, Rivaldo Barbosa; o deputado estadual Marcelo Freixo; a irmã da vereadora, Anielle Franco; o ministro da segurança pública, Raul Jungmann; o interventor federal no Rio, General Braga Netto, em nota; a Procuradora Geral da República, Raquel Dodge; o Procurador Geral de Justiça do Rio de Janeiro, Eduardo Gussem; a filha de Marielle, Anielle Franco, por meio de postagem no facebook; a socióloga Viviane Sales; a atriz Zezé Motta; a esposa do motorista Anderson Gomes, Ághata Amous; a deputada federal pelo Psol Luiza Erundina; o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (Dem); o presidente do Senado Eunício Oliveira (MDB); o senador do PT Jorge Viana; o presidente Michel Temer (MDB); o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Ministro Luiz Fux; a presidente do supremo, Ministra Cármen Lúcia; os

ministros do STF Ricardo Lewandowski, Roberto Barroso e Gilmar Mendes; o governador do Rio, Luís Fernando Pezão, do MDB, em nota; o prefeito do Rio, Marcelo Crivella; a assessora parlamentar Bárbara Ayres; a jornalista Maria Morganti; pelas redes sociais se manifestaram a atriz Camila Pitanga, os cantores Caetano Veloso e Elsa Soares, o autor de novelas Walcyr Carrasco e o rapper Emicida; representantes de movimentos sociais como o Movimento Negro Unificado e o Instituto Sou da Paz; Grupos de defesa dos Direitos Humanos; o diretor para as américas do Human Rights Watch, Daniel Wilkinson; e a repercussão na imprensa internacional.

Entre as fontes ouvidas foram identificadas algumas classes: política (16 pessoas), policial (2 pessoas), artística (6 pessoas), familiares (2 pessoas) e comunidade (4 pessoas). Dentro da classe política, 16 pessoas, há um consenso no discurso: a maioria fala da violência no Rio de Janeiro. Duas, das três mulheres ouvidas discutem violência contra a mulher. Alguns defendem a Intervenção Militar após falar da violência. A voz divergente é a de Marcelo Freixo que fala da vereadora. A classe policial reafirma sua capacidade para resolver o caso e garante que o crime que não vai ficar impune. Dentro da classe artística ouvida, seis pessoas, apenas o autor Walcyr Carrasco falou de violência, todos os outros lamentaram por Marielle e suas lutas. Representando a família, duas pessoas, sua irmã fala sobre violência e insegurança; sua filha, em uma postagem no facebook, fala da mãe como vereadora e chama atenção para sua luta; a mulher da vereadora há 12 anos, Monica Benício, não teve seu momento de fala e só aparece por alguns segundos, aos onze minutos e vinte segundos, chorando sobre o caixão fechado. Algumas pessoas da comunidade foram ouvidas, todas lamentavam a morte e falavam sobre suas lutas em favor das mulheres negras da periferia.

Durante todo o programa, o motorista Anderson Pedro Gomes é citado, após o nome de Marielle Franco, quando falam da execução. Porém, entre os doze minutos e dezoito segundos e os quatorze minutos e cinquenta segundos, o Jornal Nacional conta que Anderson era casado e pai de um menino de um ano de idade. Mostram sua mulher, Ághata Amous, chegando no IML para reconhecer o corpo. Ághata fala da violência no Rio. Posteriormente, o repórter Ari Peixoto conta sobre o velório, o enterro e o assassinato. Peixoto chama atenção para o fato de que o motorista de uber, trabalhava a dois meses para a vereadora Marielle Franco como um bico, para dar uma vida melhor pra mulher, Ághata, e pro filho Arthur. Ágatha conta que a criança nasceu com uma má formação e diz que o marido era um pai amoroso. A postagem de um reclamando da violência é destaque nas redes sociais e dois amigos lamentam a morte.

Podemos observar que há um conflito entre as opiniões das classes. Enquanto a classe artística e a comunidade fala sobre Marielle e sua luta, a classe política fala sobre a violência na cidade do Rio de Janeiro. Na família um fala de Marielle e sua luta e outro da violência e a classe policial fala em resolver o crime. Apesar de um certo equilíbrio entre as opiniões das classes, o número de pessoas ouvidas em cada uma delas é discrepante. O número de pessoas na classe política é maior do que o número de pessoas de todas as outras classes somadas. No tempo dedicado ao motorista Anderson Gomes há um predomínio do discurso sobre a violência. A preponderância do discurso sobre a violência urbana no município fluminense é evidente e procuraremos responder por quais motivos isto ocorre. Em um primeiro momento tentaremos esclarecer se o que foi disposto no jornal é uma reportagem e se ela atende aos princípios editoriais da Rede Globo de Televisão.

### **Reportagem e Princípios Editoriais**

A produção de textos jornalísticos pode ser dividida por alguns tipos narrativos, com especialidades e especificações próprias. Dentre os modelos mais tradicionais, está a reportagem. Esta se caracteriza por ser mais longa e mais aprofundada que a notícia, trazendo mais detalhes por ser um material com maior apuração, como define Patrícia Ceolin do Nascimento:

A reportagem exige maior capacidade de observação e de investigação por parte do jornalista, que deve, ainda, explorar os mais diversos ângulos sobre o que está sendo relatado: busca de "personagens", fala de especialistas, índices ou dados estatísticos relacionados ao fato. Por ser um texto mais longo, exige um roteiro de busca de informações que indique as estratégias possíveis para essa abordagem: nomes e contatos de entrevistados relevantes a matéria, fontes de pesquisa, indicações de outros textos já publicados a respeito pela imprensa, eventos relacionadas ao tema que possa, ser acompanhados pelo repórter, coletivas, simpósios, reuniões comunitárias, assim como indicações de locais a serem visitados pela reportagem (NASCIMENTO: 2009, p. 85).

Na ótica de Claudio Abramo (1998), a reportagem é uma narrativa que depende do poder de observação de quem narra, da transmissão e de como é expressada. “Uma observação cuidadosa não é necessariamente uma boa reportagem. Mas uma reportagem é necessariamente o fruto de uma observação cuidadosa” (ABRAMO, 1998, p. 81). Bruno Ravaneli Pessa (2009) corrobora e acrescenta que a reportagem constitui uma extensão da notícia. Além de conceituá-la como “a narrativa que aborda as origens, implicações e desdobramentos do fato, bem como apresenta os personagens envolvidos nele, humanizando-os” (PESSA, 2009, p. 1). O autor

afirma que a reportagem procura atender o anseio de ampliação dos fatos para uma dimensão contextual e apresentar para o receptor uma compreensão de maior alcance.

Em seus princípios editoriais (2011) o Grupo Globo versa que o trabalho jornalístico tem de ser feito buscando isenção, correção e agilidade. No que refere especificamente à reportagem, indica que na apuração, edição e publicação, os diversos ângulos que cercam os acontecimentos retratados devem ser abordados. O contraditório deve ser sempre acolhido e todos os diretamente envolvidos no assunto têm direito à sua versão sobre os fatos, à expressão de seus pontos de vista ou a dar explicações que considerar convenientes. Versa também, que não pode haver tabus e que tudo que for de interesse público deve ser publicado e discutido. É imperativo que não haja filtros na composição das redações, quanto mais diversa for uma redação em termos de gostos, crenças, tendências políticas, orientação sexual, origens social e geográfica, mais isenta será a escolha dos assuntos a serem discutidos e analisados, e mais abrangente a acolhida dos pontos de vista em torno deles.

Nesta perspectiva, podemos dizer que o Jornal Nacional do dia 15 de março fez uma reportagem sobre Marielle Franco. Afinal, a transmissão teve duração longa, aprofundamento e apuração, se colocando além de uma notícia. Ela abordou as origens da parlamentar, sua comunidade, história política, seu trabalho como vereadora, ativismo e família. Apresentou dados sobre a execução e fontes diversas: oficiais, não oficiais e especialistas. O motorista Anderson dos Santos, que dirigia o veículo da parlamentar e que também morreu na emboscada, teve sua origem, trajetória e história recente retratada e sua família e amigos ouvidos. Porém, apesar de ter conseguido atender os requisitos de uma reportagem, o Jornal não segue o próprio princípio editorial. A mulher da vereadora, Monica Benício, não teve seu momento de fala e só aparece por alguns segundos.

A luta de Marielle em defesa dos direitos LGBTs é omitida. As palavras LGBTs e lésbica não chegam a aparecer e a palavra homossexual aparece uma vez ao longo dos 36 minutos de programa, enquanto suas lutas em defesa das mulheres, dos negros e das comunidades carentes são ampliadas e citadas dezenas de vezes, contrariando a preocupação de que tudo que for de interesse público deve ser publicado e debatido, e com a isenção na escolha dos assuntos a serem discutidos e analisados, buscando os mais abrangentes pontos de vista em torno deles. Abordaremos a discrepância ao tratar as lutas e o discurso da vereadora no próximo sub capítulo.

### **De qual Marielle o Jornal Nacional fala?**

Neste projeto de pesquisa, usaremos dois conceitos que estão vinculados de maneira diferentes para falar da parlamentar: estou conceituando identidade a partir do que eu apresentei no capítulo Identidade e Diferença: Marielle Franco. O discurso, projetos de lei e dilemas da vereadora, este é o sujeito Marielle. Quando o Jornal Nacional apresenta Marielle como mulher, como negra e como oriunda de comunidade carente, não como sujeito, mas trabalhando a ideia de sociedade, trabalharemos a ideia de indivíduo. Dito isso, analisaremos as quatro particularidades da identidade do sujeito Marielle Franco, citadas no referido capítulo, para entendermos como elas foram tratadas no jornal da Rede Globo.

Em *Identities and Mediations Culturais*, Stuart Hall (2003) identifica três posições a partir das quais a decodificação de um discurso televisivo pode ser construída. A primeira refere-se à posição hegemônica-dominante, que diz respeito ao telespectador que se apropria de um sentido com intervenção de códigos, de um programa, de forma direta e integral, decodificando a mensagem conforme o código referencial no qual ela foi codificada. Assim, Hall diferencia as posições produzidas pelo código profissional, um “metacódigo” que os profissionais assumem ao codificar uma mensagem. Relativamente independente, porque aplica critérios próprios, porém, opera dentro do código dominante. Partindo deste entendimento, trabalharemos Marielle enquanto mulher e negra. Durante a reportagem, o Jornal Nacional retrata a vereadora dentro desta perspectiva em diversas passagens. Porém, ao analisarmos as seleções de fontes, vozes e discursos, observamos que embora a matéria tem origem na parlamentar enquanto sujeito, ela traz a identificação coletiva da qual ela faz parte.

Isso é evidenciado com a informação de que ela presidia a comissão em defesa da mulher; quando sua irmã Anielle Franco, aos 8’55” diz que “tentaram calar, não só 46 mil votos, muito mais, várias mulheres negras”; aos 9’18”, nas palavras da própria Marielle ao citar Audre Lorde, “não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”; nos discursos da presidente do supremo, Ministra Cármem Lúcia, que destacou a crueldade dos crimes contra as mulheres, aos 20’50”, chamando atenção para o fato de que todas nós “continuamos a sofrer preconceitos, que vão desde uma brincadeira, até a forma de violência, como agora lembrada em quase todos os votos aqui, neste caso do Rio desta madrugada” e do prefeito Crivella, que aos 24’18” afirmou que “nossa vereadora que na sua trajetória representa bem a superação, as virtudes de coragem, de bravura, de espírito público, de solidariedade, da mulher carioca”. Estes discursos colocam Marielle não como um

sujeito detentor de identidade e sim como um coletivo de mulheres que a vereadora representa, portanto um indivíduo e não um sujeito com identidade.

Na segunda posição a partir das quais a decodificação de um discurso televisivo pode ser construída, Hall trabalha o código negociado, uma “mistura de elementos de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações, ao passo que, em um nível mais restrito, situacional, faz suas próprias regras” (HALL, 2003, p. 379). Neste quadro, as mensagens televisivas são carregadas de definições dominantes por conectarem um acontecimento a uma grande totalização. Uma visão de mundo hegemônica que será negociada com âmbitos locais, atravessando a ideologia dominante por contradições. Portanto, os mal-entendidos surgem das contradições entre codificações hegemônico-dominantes e decodificações negociadas. Na reportagem sobre Marielle, observamos que o posicionamento do Jornal, quando trata sua origem pobre em uma comunidade do Rio de Janeiro, está localizado dentro deste posicionamento.

O complexo da Maré, onde Marielle nasceu e cresceu, é citado, projetado e sobrevoado e as referências ao local são numerosas. O repórter Paulo Renato Soares fala da parlamentar como “Mulher negra, cria da Maré e defensora dos Direitos Humanos. Era assim que ela vivia”. E conclui dizendo que “se a morte de Marielle teve a intenção de calar a mulher que se fez ouvir além dos muros da favela, a partir de hoje, a voz dela vai estar ainda mais presente. A Assessora parlamentar Bárbara Ayres fala que “não atoa tem essa comoção toda, pra além das mulheres negras e faveladas, porque ela conseguiu fazer isso, ela conseguia mostrar para as pessoas que nós somos todos seres humanos”. A apresentadora Renata Ceribelli diz que “o complexo da Maré, onde Marielle nasceu e foi criada estava de luto” e cita o Instituto Sou da Paz, que fala dela como “símbolo, umas das poucas mulheres negras da periferia que conseguiram vencer a barreira eleitoral e conquistar uma posição no legislativo”. A jornalista Maria Morganti afirma que a “sensação é que mataram a gente. Ela era a gente, ela era a gente lá. Segunda descrição dela, cria da Maré. Fica um buraco não só dela mas em relação ao futuro. O que que vai acontecer”. A reportagem ainda a descreve como a mulher que levou a voz das minorias para muito além da favela onde nasceu.

Quando a discussão travada pelo Jornal Nacional é a sua origem pobre nas favelas do complexo da Maré, o discurso televisivo construído pelo programa pode ser enquadrado como um caso de código negociado. Ele se distancia da produção da hegemonia dominante ao trazer para o horário nobre as áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro, a população de baixa

renda e a mulher da comunidade que alcançou a Câmara dos Vereadores, mas ao mesmo tempo ele se apropria deste sujeito para fazer o retrato de um coletivo: o favelado que deu certo e que por esse motivo tem espaço de destaque. Esta representação, leva as elites e os profissionais a identificarem como “falha na comunicação”. Marielle tem um posicionamento enquanto sujeito e o jornal outro, que não trabalha sujeito e sim indivíduo. Enquanto indivíduo ela é submetida ao social e não ao sujeito que constrói seu sentido a partir do cotidiano. O jornal apresenta um discurso que “folcloriza” a imagem da parlamentar, colocando-a como uma mulher negra e pobre que lutou e conseguiu vencer na vida, uma heroína e exemplo a ser seguido.

Por fim, há o código de oposição, que ocorre quando o telespectador está apto a entender perfeitamente tanto a inflexão conotativa quanto a literal conferida ao discurso mas, ao mesmo tempo, decodifica a mensagem de uma maneira globalmente contrária. A identidade de Marielle Franco enquanto mulher lésbica não é colocada durante o programa, mesmo sendo algo muitas vezes repetido por ela em seus discursos nas redes sociais e no plenário e uma das suas lutas enquanto mulher, militante e parlamentar. A palavra “homossexual” aparece apenas uma vez durante toda a reportagem, aos 10 minutos, quando o repórter Soares diz que Marielle era “voz forte em defesa do jovem, das mulheres, dos negros, dos homossexuais. Era a voz contra a violência e as desigualdades”. No único momento em que a homossexualidade aparece, ela é posta como uma das muitas defesas da vereadora das minorias. Neste aspecto o não dito é evidenciado no jornal. Nas palavras de Hall, “um dos momentos políticos mais significativos é aquele em que os acontecimentos que são normalmente significados e decodificados de maneira negociada começam a ter uma leitura contestatária. Aqui se trava a política da significação, a luta no discurso” (HALL, 2003, p. 380). Assim como na Câmara dos Vereadores, a identidade enquanto mulher lésbica de Marielle Franco é silenciada na reportagem produzida pelo Jornal Nacional.

Stuart Hall (1999) salienta que as identidades culturais são plurais e móveis, dependendo da situação em que nos encontramos, nossos sentimentos de pertencimento e diferença são acionados. É possível que, em situações divergentes, identidades culturais diferentes – identidade nacional, social, étnica, de gênero, etc. – podem prevalecer umas sobre as outras no processo de interpretação da realidade, espelhando nas ações e relações sociais, assim como, no processo de recepção da televisão. Há duas Marielles: o sujeito, com suas particularidades, suas identidades e o indivíduo parte de um coletivo e da sociedade. A Marielle apresentada pela reportagem é construída com referências que não levam a identidade em profundidade do sujeito mas a sociedade. Ela representa a mulher, negra e oriunda das comunidades carentes. O

programa parte de um contexto de sociedade, diferente do qual a parlamentar faz parte e acaba não trabalhando a identidade, mas uma representação. Esta construção opera transformações onde o significado é negociado e as hierarquias estabelecidas.

O teórico latino-americano Jesus Martín-Barbero (2001) aponta que ao nos apropriarmos da televisão e usarmos os bens simbólicos que consumimos através dela, mediações culturais distintas – como família, nação, região, gênero, etnia, sexualidade – participam dos processos de recepção, igualmente, prevalecendo umas sobre as outras, conforme a situação em que os receptores se encontram. Isto implica a interpretação das narrativas da televisão a partir de contextos sociais e culturais próprios. Demanda o confronto entre as representações construídas no cotidiano com as representações construídas na televisão acerca de atores sociais ou temas específicos que interessam aos receptores ou mostram-se relevantes para eles.

### **“A Beleza do Morto”**

Marielle Franco integrou uma comissão de vereadores que acompanha o trabalho de militares na intervenção federal da Segurança Pública do Rio de Janeiro de fevereiro de 2018 até o dia 14 de março, data de sua execução. Mas sua relação direta com a ação ia além, a parlamentar se posiciona de forma crítica e constantemente denunciava abusos cometidos por militares do exército, assim como de policiais militares. O Jornal Nacional trouxe para a reportagem parte deste posicionamento da vereadora, como na fala da repórter Bette Lucchese aos cinco minutos e cinco segundos:

Marielle Franco era atuante nas redes sociais, no sábado ela escreveu que PMs estavam aterrorizando moradores na favela de Acari, na Zona Norte. Disse que era um absurdo o que estava acontecendo em Acari. Chega de matarem nossos jovens. A vereadora também comentou a morte do jovem Matheus Melo, que foi assassinado na segunda-feira na favela do Jacarezinho, depois de sair da igreja, e postou um dia antes de ser morta. Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para a conta da PM. Matheu Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe? (JORNAL NACIONAL, 2018).

Na sequência, a irmã da vereadora, Anielle Franco, aparece no vídeo afirmando que não existiu nenhum tipo de ameaça contra a parlamentar. E em seguida, Lucchese diz que “num evento em Fortaleza, o ministro da segurança pública, Raul Jungmann pediu um minuto de silêncio em nome da vereadora e de todas as vítimas de violência”. A Procuradora Geral da

República, Raquel Dodge, disse que “o crime no Rio de Janeiro tem acontecido em diversas áreas”; Anielle Franco aparece novamente aos cinco minutos e quarenta segundos, desta vez afirmando que “a gente mais uma vez sendo vítima dessa violência, deste Estado, dessa ausência de segurança que a gente tem”. O programa da Globo constrói sua narrativa usando a morte da vereadora para justificar justamente o que ela combatia: a Intervenção Federal como forma de conter a violência na cidade do Rio.

Michel de Certeau (1995) outorga aos estudiosos da cultura popular o gosto pela “beleza do morto”. O popular teria nascido não apenas da pena dos intelectuais, mas de atos policiais referentes a apreensões e inquéritos sobre as práticas das classes populares proibidas e perseguidas. E explica que foi preciso que a cultura popular fosse censurada, para ser estudada. Apenas quando seu perigo é eliminado, ela se torna objeto de interesse das elites. Estendendo essa preocupação para a comunicação no cenário contemporâneo, particularmente para o caso Marielle, chama atenção o fato de que a vereadora em 2016, mesmo com uma campanha com pouco recurso financeiro e espaço na televisão, conseguiu se eleger com cerca de 46 mil votos, a quinta maior votação para vereadores do Rio de Janeiro. A parlamentar é a única mulher declarada preta a ser eleita como vereadora do Rio de Janeiro, e uma das 32 mulheres negras eleitas nas capitais brasileiras. Além de se colocar enquanto mulher lésbica e defensora das minorias na Câmara dos Vereadores. Mas nada disso rendeu reportagens, manchetes ou espaço de fala para Marielle na grande mídia, mas após sua morte, a parlamentar estampou a capa dos jornais e revistas, foi notícia de destaque nos programas de televisão e chegou à imprensa internacional.

Certeau coloca que extinta a ameaça que permeia a cultura popular, como o fato de estar ligada a movimentos de rebeldia em correspondência à exploração das elites, o interesse em seu estudo ganha força e se estabelece numa perspectiva diferente. E seria o regresso de um povo cuja palavra fora cortada, com o intuito de domesticar. Conclui-se que a resistência é eliminada com a ignorância, e que “é no momento em que uma cultura não mais possui os meios de se defender que o etnólogo aparece” (1995, p.61). Marielle Franco morreu vítima de um crime político, mas a reportagem se constrói de tal forma, que leva o telespectador a crer que ela é apenas mais uma vítima da violência do Rio de Janeiro. O Deputado Federal pelo Dem, Rodrigo Maia falou sobre a necessidade de encontrar uma solução “não apenas para esse caso, mas para tantos assassinatos no Brasil é o equilíbrio e as condições para que o Estado como um todo tenham condições de cumprir o seu papel, investigação e de fato combater o crime organizado que vem tirando muitas vidas no Brasil”. O Senador pelo PT Jorge Viana (Senador PT/AC)

argumentou que não devemos nos dividir discutindo “se a intervenção é boa ou não na área de segurança no Rio de Janeiro. Eu queria uma intervenção no Brasil inteiro. Eu espero que isso possa ser um ponto final, que a gente possa estar todo o país unido”. E o presidente Michel Temer reafirma dizendo “É inaceitável. Inadmissível. Como os demais assassinatos que ocorreram no Rio de Janeiro. Por isso aliás, nós decretamos a intervenção, para acabar com esse banditismo desenfreado que se instalou naquela cidade por força das organizações criminosas”.

O popular não deve ser pensado como um conjunto de práticas ou objetos, mas como uma forma de apropriação. Para Stuart Hall (2003), o domínio do popular é o de um espaço de lutas, de tensões entre elite e periferia. Assim, podemos considerar que novas legitimidades são produzidas pela via da cultura de massa, por meio de propagandas, do culto às celebridades e de construções sociais. A grande questão não é colocar uma cultura em oposição à outra, mas de observar de qual delas as elites retiram sua legitimidade em detrimento da cultura das classes populares. No Jornal Nacional do dia 15 de março, a Rede Globo se apropriou do discurso de Marielle Franco para defender algo que ela era contrária. O sujeito Marielle foi sempre combatido porém, justamente quando ele não tem mais forças para se defender, a violência se impõe com êxito e o sujeito que criticava a Intervenção é assassinado e vira exemplo da importância de tal ação para a segurança da sociedade.

A adesão do popular a essa lógica imposta não é meramente pela via da manipulação, pois como apresenta Hall “junto com o falso apelo, a redução de perspectiva, a trivialização e o curto-circuito, há também elementos de reconhecimento e identificação”. É o processo dialético de resistência e aceitação que faz com que exista um campo de batalha permanente. Ceribelli diz que “uma voz contra todo tipo de desigualdade e injustiça, calada violentamente. Mas hoje, outras vozes se manifestaram. Hoje, país afora, Marielle Franco estava presente. Ela representava muitos brasileiros”. Na sequência, a assessora parlamentar Bárbara Ayres reitera que “nós somos todos seres humanos”. É de se esperar que a população brasileira, como um todo, seja contra todo tipo de desigualdade e injustiça e que seja composta por seres humanos, mas a forma como é colocada na reportagem universaliza o discurso da parlamentar, coloca suas lutas em uma horizontal, esvaziando seu discurso. Da forma como se coloca, Marielle já não parece mais uma defensora das minorias, mas de todos os brasileiros.

Durante a reportagem do Jornal Nacional, nos é exposto o percurso da construção do personagem Marielle Franco, exteriorizando a fabricação deliberada de uma identidade com finalidades políticas. O sujeito foi calado pela elite, que através da mídia deu-lhe roupagem nova. Sua identidade é cerceada e seu discurso esvaziado sem que houvesse questionamento e

problematização. “Será sempre necessário um morto para que haja fala; mas ela falará da sua ausência ou da sua carência, e, explicá-la não se limita a apontar aquilo que a tornou possível em tal ou tal momento” (1995, p.82). Qual a intencionalidade do Jornal Nacional, ao usar a morte de uma parlamentar que criticava a Intervenção Militar no Rio de Janeiro e a atuação da polícia militar nas comunidades, para afirmar que os cariocas não aguentam mais a violência e por isso precisam da Intervenção?

### 3 - FANTÁSTICO

“A vereadora que se destacou na defesa dos direitos humanos”. É como a apresentadora Poliana Abritta se refere à Marielle Franco no início do Fantástico do dia 18 de março. Por 40 minutos o programa falou diretamente sobre a parlamentar. A assessora da parlamentar, única sobrevivente do crime, concedeu uma entrevista para a repórter Renata Ceribelli, além de revelar os áudios que ela mandou para o seu marido logo após a execução. Imagens captadas por uma câmera de segurança momentos antes dos assassinatos foram apresentadas, enquanto o comentarista de segurança da Tv Globo Fernando Veloso conversa com Sônia Bridi sobre a emboscada e a execução. Tadeu Schimdt questiona “o que são direitos humanos?”. E três pessoas que caminham pelas ruas respondem, assim como a especialista Margarida Perssburger e o próprio Tadeu, que cita a declaração universal dos direitos humanos, postada na íntegra na página do programa, na internet.

Marielle discursa na Câmara dos Vereadores. Roberta Calábria, do Movimento mães e crias na luta, Marcelo Freixo do Psol, Tainá de Paula, membro da #PaartidA e Aline, que estava na roda de conversa da Lapa, minutos antes do assassinato, falam sobre ela. Imagens de uma manifestação protestando contra os assassinatos em São Paulo são exibidas. Poliana vai até a casa do motorista para falar com sua mulher, Agatha. Os apresentadores comentam sobre a ação judicial do Psol contra as fake News divulgadas na internet, difamando a parlamentar. Três manifestantes são ouvidos no Rio de Janeiro. Ceribelli conversa com a mulher de Marielle, Mônica e com os pais, irmã e filha da vereadora. Ao final do programa, Elsa Soares, Pity e a orquestra Maré do Amanhã, homenageiam Marielle apresentando a música Juízo Final, do Nelson Cavaquinho.

Diferentemente do Jornal Nacional, em que as fontes ouvidas puderam ser divididas em cinco classes distintas: política, policial, artística, familiares e comunidade, e um conflito entre as opiniões das classes fora identificado, no Fantástico isso não acontece. No programa de domingo, as fontes ouvidas, além das especializadas, eram próximas à parlamentar. Sua assessora, seus familiares, seus amigos. Mas apesar do programa ter escolhido pessoas próximas dela, prepondera um discurso sobre a violência urbana no município do Rio de Janeiro. Nesse sentido, procuraremos responder qual representação de Marielle foi apresentada, por quais motivos prepondera o discurso sobre a violência e qual é a intencionalidade disto.

### **De qual Marielle o Fantástico fala?**

O Fantástico do dia 18 de março cumpriu com alguns quesitos necessários para que possamos considerar como uma reportagem sobre Marielle Franco. Afinal, a transmissão teve duração longa, aprofundamento e apuração, se colocando além de uma notícia. A execução foi abordada com exaustão, ouvindo a sobrevivente da emboscada e um especialista, analisando câmeras de segurança, o trajeto percorrido pelo carro, a abordagem e o assassinato. Conceituaram “direitos humanos”, atribuído como luta da parlamentar durante o programa, e fontes não oficiais e oficiais foram ouvidas. Retrataram seu trabalho como vereadora com vídeos de seus discursos na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Abordaram as fake News espalhadas, desmentindo alguns dos boatos que surgiram sobre a parlamentar. Ouviram pessoas que trabalharam com Marielle, sua mulher, seus pais, sua irmã e sua filha.

O Fantástico apresentou elementos sobre Marielle Franco ao longo dos 40 minutos de programa dedicados a ela. Resta saber se foram suficientes para entender a identidade da parlamentar. Retomando Identidades e Mediações Culturais, onde Stuart Hall (2003) identifica três posições a partir das quais a decodificação de um discurso televisivo pode ser construída: posição hegemônica-dominante, posição mediada e posição oposicional. Observamos que dois dos três posicionamentos aparecem no Fantástico. O primeiro refere-se à posição hegemônica-dominante, que diz respeito ao telespectador que se apropria de um sentido com intervenção de códigos, de um programa, de forma direta e integral, decodificando a mensagem conforme o código referencial no qual ela foi codificada. Partindo deste entendimento, trabalharemos Marielle enquanto mulher.

Durante a reportagem, o Fantástico retrata a vereadora dentro desta perspectiva em diversas passagens. Porém, ao analisarmos as seleções de fontes, vozes e discursos, observamos que embora a matéria tem origem na parlamentar enquanto sujeito, ela traz a identificação coletiva da qual ela faz parte. Tal afirmação é demonstrada logo no início do programa, quando imagens de arquivo do dia oito de março de 2017, dia das mulheres, mostra Marielle na Câmara dos Vereadores, fazendo uma chamada com os nomes de brasileiras mortas violentamente nos últimos anos – Cláudia Ferreira, Jandira Cruz, Heloá, Eliza Samudio. A parlamentar grita seus nomes, e as pessoas que assistem a seção respondem “presente”. O ato foi realizado com o intuito de que elas não sejam esquecidas. Uma tarjeta com os dizeres “um ano depois” aparece na tela, e a câmera vai para o lado de fora da Câmara, no dia 18 de março de 2018, onde milhares de pessoas fazem uma chamada com o nome de Marielle Franco.

Aos três minutos e 20 segundos, em uma entrevista à Renata Ceribelli, a assessora da parlamentar fala que está “apavorada, despedaçada. Como não ter medo? Que audácia! Como matam numa forma covarde, uma mulher...”. No segundo momento em que Marielle aparece discursando na Câmara, aos 17 minutos e 50 segundos, ela diz: “Não serei interrompida! Não aturo interrupção dos vereadores dessa casa, não aturarei de um cidadão que vem aqui e que não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita”. Tal situação ocorreu uma semana antes da execução da parlamentar. Ela discursava em plenário quando um sujeito que acompanhava a sessão da tribuna, passou a gritar interrompendo-a. Ele contradizia suas palavras e defendia a Ditadura Militar. A parlamentar pediu que a Presidência da Casa procedesse como faz quando a galeria interrompe qualquer outro vereador, pedindo que o homem fizesse silêncio. E respondeu a este que “não serei interrompida! Não aturo interrupção dos vereadores dessa casa, não aturarei de um cidadão que vem aqui e que não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita. Estamos no processo democrático! Vai ter que aturar mulher negra, trans, lésbica, ocupando a diversidade dos espaços” (FRANCO, 2018).

Na segunda posição, a partir das quais a decodificação de um discurso televisivo pode ser construída, Hall trabalha o código negociado. Nele, as mensagens são carregadas de definições dominantes por conectarem um acontecimento a uma grande totalização. Uma visão de mundo hegemônica que será negociada com âmbitos locais, atravessando a ideologia dominante por contradições. Na reportagem sobre Marielle, observamos que o Fantástico, quando a trata como negra de origem pobre em uma comunidade do Rio de Janeiro, está localizado dentro deste posicionamento. Aos 18 minutos e 20 segundos, Freixo diz que “ela consegue fazer faculdade de sociologia, que era um sonho dela e não é brincadeira uma mulher negra da favela chegar numa universidade. Então a Marielle sempre foi uma pessoa que desafiou todos os limites que a vida no Brasil coloca”.

Em seguida Poliana diz que ela “fez pós graduação, mestrado, sentiu que precisava lutar não mais só por ela”. E na sequência, “foi eleita! Mas de 46 mil votos na primeira candidatura. A quinta vereadora mais votada do Rio. E só 10% desses votos eram das favelas”. Há um deslocamento, dissociando a vereadora do seu lugar de mulher negra da Maré e colocando-a como uma representante de todo o Rio de Janeiro. A mulher negra e pobre que lutou e conseguiu. Uma heroína, que “venceu na vida”. Aos 19 minutos e 25 segundos, Roberta Calábria, do Movimento Mães e Crias na Luta corrobora com Poliana ao dizer que “pessoas que não tinham nenhum movimento político e nunca na vida ouviram a Marielle falar e sabiam que ali tinha uma coisa diferente”. E aos 30 minutos e 35 segundos Tadeu afirma que “além da

Maré e das outras comunidades em que atuava, teve 40 % dos seus votos na Zona Sul e na Barra da Tijuca”. A dialética que se estabelece, possibilita a universalidade da relação hegemônica, transformando a identidade do sujeito. Recuperando Certeau (1995), aparadas as arestas e findadas as ameaças, o popular surge como algo a ser admirado, preservado, negando as dinâmicas culturais. A representação do sujeito, atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior.

### **Anderson e Ághata x Marielle e Mônica**

Para justificar por que estamos analisando o conceito de identidade, precisamos examinar a forma como a identidade se insere no “circuito da cultura” bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com a discussão sobre a representação do sujeito (HALL, 1997). Por dois momentos, o programa aborda relacionamentos afetivos. Aos 23 minutos e 14 segundos, Poliana conta que conversou com a viúva do motorista Anderson, a Agatha, e ouviu dela palavras comoventes de força e esperança. Ela começa a reportagem dizendo que foi até a casa do casal, porque “muitas vezes, quando a gente conta a história de uma pessoa, a gente conta a história de muitas”. Imagens de tiroteio na favela da Rocinha e no Complexo do Alemão aparecem na tela, logo após Poliana pergunta para Ágatha, “quem era o Anderson, como você descreve o seu marido?”.

Muitas fotos do casal abraçado e de rosto colado aparecem ao longo dos cinco minutos e 15 segundos em que Ágatha e Poliana falaram sobre Anderson, a forma como o casal se conheceu, quando começaram a sair juntos, o pedido de casamento. A repórter destaca a “aliança grossona” no dedo da viúva. E esta responde que sim, do jeito que queria, “pra mostrar nosso amor, pra todo mundo. Pra ver de longe”. Conta do casamento, do financiamento do apartamento, das mobílias e da pintura. Um vídeo de Anderson descobrindo sobre a gravidez do filho do casal, Arthur, aparece na tela. Anderson lê um bilhete: “Anderson, agora dentro de mim batem dois corações apaixonados, por você. Que isso amor? Que que isso amor? Você tá de sacanagem! Mentira! Sério? Mentira!”. A câmera volta para Ágatha, que emocionada fala sobre os percalços que o casal passou com a criança, que nasceu com o fígado e o intestino dentro do cordão umbilical.

A repórter ressalta, “a história de Anderson e Arthur” e Ágatha conta que o marido rodava à noite para ficar com o filho pela manhã. Que ele “dava comida, fazia tudo, ele era

louco pelo Arthur” e completa dizendo que “ele era nossa rocha de casa”. Poliana pergunta da noite de quarta-feira, Ágatha conta como soube da morte do marido e a repórter ressalta, “e de novo a história de muita gente”. E pergunta para a viúva porque ela decidiu falar comigo? Esta responde que o marido não merece ser esquecido, que é possível ter esperança, e que “não é possível que a gente vai ficar abandonado pra sempre”. Poliana agradece pela entrevista e fala mais uma vez que “acredita que contar a história do Anderson é falar do Anderson e falar de tantas pessoas”.

O segundo relacionamento afetivo colocado pelo Fantástico inicia aos 33 minutos e 35 segundos. Tadeu anuncia que Renata “conversou com a Mônica, companheira da Marielle”. A repórter começa a entrevista dizendo que “ainda é muito difícil para Mônica, aceitar o que aconteceu”. Podemos observar uma aliança na mão da entrevistada, mas Renata não ressalta este fato. A mulher de Marielle conta que o relacionamento tem 13 anos. E que “desde o primeiro momento que eu a vi, a gente teve uma empatia muito grande”. Fotos de viagens das duas mulheres aparecem na tela durante os três minutos e dez segundos da entrevista. Posteriormente uma foto do casal com a filha de Marielle, Luiara, intriga Renata que pergunta se o início do relacionamento foi na época da foto e Mônica explica que foi um anos depois que elas se conheceram.

A repórter afirma que deve ser difícil estar na casa e Mônica diz que é “a segunda vez que eu entro aqui, tudo eu pensava assim, com muito carinho, porque a rotina dela é muito difícil e eu queria que ela chegasse em casa e encontrasse um espaço de acolhimento. Tudo isso a gente foi construindo com pouco. Uma hora comprava um tapete, porque era o que dava pra fazer com a grana, outra hora comprava um outro objeto e ia montando as coisas sempre com muito carinho, muito cuidado”. A repórter fala sobre um espaço especial que as duas tinham na casa, localizado na área externa. E a mulher de Marielle conta que elas passaram duas noites montando as plantas.

Renata fala do último contato e a viúva explica que foi pelo celular, quando a vereadora voltava para casa. Diz que assim que chegou em casa ligou “e ela não atendeu. Eu liguei de novo, liguei mais uma vez, ai liguei mais vinte vezes. Enquanto eu tava ligando pra ela a ligação entrou e eu atendi, na hora, sabendo que tinha acontecido alguma coisa. Eu perguntei, Lia cadê a Marielle. Ela falou Mônica a Dani tá na porta, ela tá precisando entrar. Eu falei, aconteceu alguma coisa, ela falou, aconteceu”. Renata pergunta se ela falava sobre ameaças ou se sentia em risco e sua mulher diz que não, “ela estava feliz, tava despreocupada, planejando o casamento, pro ano que vem”. A entrevista acaba com Renata Ceribelli falando que “na casa

dos pais de Marielle, a dor é a mesma. Pai, irmã, mãe e filha unem forças, pra enfrentar esse momento”.

Existe uma diferença na forma com que as duas entrevistas são apresentadas. A primeira é a seleção de qual aparece primeiro no programa, a de Ágatha e Anderson. A segunda é com relação a duração de cada uma delas. O casal heterossexual esteve no ar por cinco minutos e 15 segundos, enquanto o casal homossexual teve três minutos e dez segundos. A escolha das palavras também se mostra diversa. Na primeira entrevista são usadas as palavras viúva, marido, casamento, aliança, amor, corações apaixonados, nosso Arthur. Na segunda entrevista os termos usados foram companheira, Mônica, namorar.

Quando se fala em casamento, destaca o fato de que ele não chegou a acontecer, apesar dos 13 anos de relacionamento do casal. A seleção das fotos exibidas mostram situações cotidianas diferentes, enquanto nas da primeira entrevista a escolha se fez por fotos de rosto colado e abraços, na segunda entrevista, grande parte das fotos selecionadas remetem a viagens divertidas. A forma com que traz a criança para a reportagem também é diferente, a gravidez de Ágatha é explorada na entrevista e Anderson é descrito como um grande pai por sua mulher. Na segunda entrevista, uma foto do casal com a filha de Marielle, ainda criança, aparece na tela mas, nem a repórter nem Mônica falam sobre ela.

A diferença separa uma identidade de outra, estabelecendo divergências e desigualdades, muitas vezes na forma de oposição. Woodward (2005) destaca que novos movimentos sociais emergiram no Ocidente, atravessando as divisões de classe para se dirigir às identidades particulares de seus sustentadores. A identidade sofreu mudanças ao longo dos anos. A etnia e a “raça”, o gênero, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social e as preocupações ecológicas produzem novas formas de identificação, definidos pela política de identidade, “concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado” (WOODWARD, 2005, p.34). Se um grupo é simbolicamente marcado como tabu, como é o caso da homossexualidade na mídia hegemônica, isso acarreta efeitos na forma com que ele é representado. Social e simbólico são processos distintos, porém, necessário para a construção e a manutenção das identidades.

## Princípios Editoriais e Responsabilidade Social

Na abertura do Fantástico, o apresentador Tadeu Schmidt afirma que “essa semana, os brasileiros que não toleram mais a violência, a covardia e a impunidade ergueram a voz em um grito por justiça. Justiça pelo assassinato da vereadora Marielle Franco, do Psol, e do motorista Anderson Gomes, no Rio de Janeiro”. Aos nove minutos e 15 segundos, a Assessora de Marielle fala para Renata Ceribelli que “sobreviver é uma coisa muito cruel. Porque eu preciso sobreviver? Que coisa horrenda é essa. Que violência é essa!”. Aos 23 minutos Tadeu descreve a imagem na tela e diz que “mulheres ligadas à movimentos negros jogaram tinta vermelha representando o sangue dos que são vítimas da violência nas escadarias do prédio da justiça federal e na calçada do prédio onde fica o escritório da presidência da república em São Paulo”.

Durante a entrevista na casa de Ágatha, Poliana se refere aos tiroteios em comunidades do Rio e fala que “muitas vezes, quando a gente conta a história de uma pessoa, a gente conta a história de muitas”. E quando a viúva fala da morte, a repórter reafirma, “E de novo a história de muita gente”. Ao final da entrevista a mulher de Anderson diz que “não é possível que a gente vai ficar abandonado pra sempre” e Poliana se despede insistindo que “contar a história do Anderson é falar do Anderson e falar de tantas pessoas”. Ao final dos 40 minutos, a reportagem sobre Marielle acaba e Tadeu traz a próxima notícia: “o Governo anunciou, agora à noite, a liberação de dinheiro para a área de segurança. A decisão foi tomada numa reunião no palácio da Alvorada. Quem tem as informações ao vivo de Brasília é o repórter Nilson Klava”, e Nilson nos informa:

O Presidente Michel Temer se reuniu com alguns Ministros da área econômica e da área de segurança, aqui no Palácio da Alvorada. Logo na saída o Ministro do Planejamento, Diogo Oliveira, disse que o governo vai criar um crédito extraordinário para a Intervenção Federal na segurança pública do Rio de Janeiro. O Ministro disse ainda que o Governo irá destinar alguns bilhões de reais para a área de segurança. A maior parte vai pro recém criado Ministério da Segurança Pública. E a outra parte, que ainda não foi definida, vai para a Intervenção Federal no Rio de Janeiro. Agora, o Congresso Nacional precisa definir e aprovar todos estes valores, mas para liberar esse dinheiro pro Rio, o Governo vai editar uma medida provisória criando este crédito extraordinário que não tem impacto pro teto de gastos. Já pro novo Ministério, será editado um novo projeto de lei que vai remanejar dinheiro de outras áreas e de outros Ministérios. Amanhã, o interventor nacional na segurança pública do Rio, o General Braga Neto, vai se reunir com o Governador Luiz Fernando Pezão pra discutir ações e também pra bater o martelo e definir o orçamento necessário (FANTÁSTICO, 2018).

O programa volta pro estúdio e Poliana noticia o enterro de três moradores do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, mortos durante um tiroteio no dia 16 de novembro. “Um deles, o pequeno Benjamin, tinha apenas um ano”. Fecha o ciclo de violência apresentado pelo programa e fica um questionamento: Qual a intencionalidade do Fantástico, ao usar a morte de uma parlamentar que criticava a Intervenção Militar no Rio de Janeiro e a atuação da polícia militar nas comunidades, para afirmar que os cariocas não aguentam mais a violência e por isso precisam da Intervenção? Tendo em vista o que a Rede Globo traz em seus princípios editoriais que “Todo veículo jornalístico tem uma responsabilidade social. Nenhum jornalista tem o condão de escolher que informações são “boas” ou “más”. A regra de ouro é divulgar tudo, na suposição de que a sociedade é adulta e tem o direito de ser informada. (PRINCÍPIOS EDITORIAIS DO GRUPO GLOBO, 2011, p. 20)

De acordo com tais princípios e a partir desta afirmação acerca da responsabilidade da Rede Globo enquanto veículo de comunicação, nos questionamos: o Fantástico cumpre com seus princípios editoriais? Houve responsabilidade social na exibição da reportagem sobre Marielle Franco? Nossa resposta é negativa. O Fantástico não segue o próprio princípio editorial. Apesar da mulher da vereadora, Monica Benício, ter sido ouvida, a entrevista é enviesada e a luta da parlamentar em defesa dos direitos LGBTs é omitida e se encontra universalizada na luta pelos direitos humanos, ampliada pelo programa. As palavras “LGBTs” e “homossexual” não são nem citadas e as palavras “lésbicas” e “bissexual” aparecem uma única vez, ao longo dos 40 minutos de programa dedicados à Marielle. Apesar de dizer expressamente em seu princípio editorial que seus jornalistas não fazem restrições a temas, a luta pelos direitos e resistência LGBTs ficou fora da reportagem.

Outra contradição observada é a forma como o programa se apresenta, conduzindo à uma intencionalidade de que a execução da parlamentar é mais um ato de violência no Rio de Janeiro. O assassinato é colocado como um produto geral da violência no país. É cerceada a sua defesa das comunidades periféricas, das mulheres negras, da comunidade LGBTs, da juventude negra contra a violência do Estado e das críticas a Intervenção Militar. E o quanto estes posicionamentos incomodavam setores importantes do poder hegemônico. Tal afirmação é reforçada pela informação de que a vereadora fora eleita com a maior parte dos votos nos bairros de classe média e não da periferia, não sendo verdadeiro, portanto, que ela é uma “representante” das comunidades periféricas. O Fantástico coloca isso em dois momentos. Aos 19 minutos e 11 segundos Poliana diz “foi eleita! Mais de 46 mil votos na primeira candidatura. A quinta vereadora mais votada do Rio. E só 10% desses votos eram das favelas” e aos 30

minutos e 30 segundos quando Tadeu afirma “Marielle foi eleita com votos de todas as zonas eleitorais do Rio. Além da Maré e das outras comunidades em que atuava, teve 40 % dos seus votos na Zona Sul e na Barra da Tijuca”.

O posicionamento adotado pelo programa distorce o conceito de identidade. Afinal, a identidade se constrói pelas posições e posturas que a parlamentar defendeu, os projetos de lei que apresentou, o seu discurso e o quanto ela se aproximou ou distanciou das demandas daqueles que representava e não pela zona eleitoral onde obteve mais ou menos votos. Ironicamente, a fala de Tadeu sobre os 40% dos votos, foi dita na parte do programa que desmentia as fake news. Entretanto, esta mesma informação sobre o perfil do eleitor da vereadora foi divulgada junto com as outras notícias desmentidas. Marielle obteve a maior parte dos seus votos da Zona Norte do Rio de Janeiro, cerca de 47% do total; seguidos pela Zona Sul (34% dos votos); Zona Oeste (18%) e Centro (1%). Na região do Bonsucesso, que abarca os eleitores do Complexo da Maré, ela recebeu 7% dos seus votos. As informações são do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE-RJ).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras indagações nos levaram a uma pergunta norteadora: partindo da política editorial e da produção de sentido das reportagens do Jornal Nacional e do Fantástico, pretendemos responder qual a representação que a emissora faz do sujeito Marielle Franco? E qual a intencionalidade dessa representação?

O primeiro aspecto de análise desta monografia consistiu em determinar a identidade do sujeito Marielle Franco. Os indivíduos se diferenciam uns dos outros, por suas características étnicas, raciais, de classe social, gênero e sexualidade. Porém, não têm significado enquanto não se identificam com as posições concebidas pelo discurso. Independentemente de quais conjuntos de significados são construídos, eles só se efetivam se convertem o indivíduo enquanto sujeito, se posicionando a si próprios. São as posições que Marielle assumiu em vida, partindo de seus discursos, propostas de projetos de lei, dilemas com as quais se identificava, assim como seu compromisso com a luta pelos direitos das mulheres, dos negros, dos jovens marginalizados, dos moradores das periferias e da comunidade LGBTs que constituem e definem sua identidade.

Ao analisarmos o Jornal Nacional, concluímos que ele não segue o próprio princípio editorial. A mulher da vereadora, Monica Benício, não teve seu momento de fala, a luta de Marielle em defesa dos direitos LGBTs é omitida, enquanto suas lutas em defesa das mulheres, dos negros e das comunidades carentes são ampliadas, contrariando a preocupação de que tudo que for de interesse público deve ser publicado e debatido, e com a isenção na escolha dos assuntos a serem discutidos e analisados, buscando os mais abrangentes pontos de vista em torno deles, assim como versa seu princípio editorial. O programa universaliza o discurso da parlamentar, coloca suas lutas em uma horizontal e esvazia seu discurso. O sujeito é calado, e o programa usa a morte de uma parlamentar que criticava a Intervenção Militar no Rio de Janeiro e a atuação da polícia militar nas comunidades, para afirmar que os cariocas precisam da Intervenção.

Na análise do Fantástico, concluímos que ele não segue o próprio princípio editorial e não cumpre com a promessa de responsabilidade social. Apesar da mulher da vereadora ter sido ouvida, a entrevista foi enviesada e apresentada de forma diferente da entrevista com a viúva do motorista. Mônica Benício aparece após Ágatha Moreira no programa e fica no ar por menos

tempo. A escolha das palavras e fotografias usadas para definir o relacionamento homossexual remetem à amizade, enquanto que no relacionamento heterossexual referem-se ao amor. É destacado o fato de que as duas mulheres não são casadas, apesar dos 13 anos de relacionamento. A forma com que traz a criança para a reportagem também diverge, a gravidez de Ágatha é explorada na entrevista e Anderson é descrito como um grande pai. Na segunda entrevista, uma foto de Mônica e Marielle com a filha desta, ainda criança, aparece na tela. Porém, nada é dito sobre a relação familiar das três. A diferença separa uma identidade da outra, estabelecendo desigualdades, muitas vezes na forma de oposição. Se um grupo é simbolicamente marcado como tabu, como é o caso da homossexualidade na mídia hegemônica, isso acarreta efeitos na forma com que ele é representado.

A luta da parlamentar em defesa dos direitos LGBTs é omitida e se encontra generalizada na luta pelos direitos humanos, ampliada pelo programa. O programa universaliza o discurso da parlamentar, coloca suas lutas em uma horizontal e esvazia seu discurso. Com isto, a mídia hegemônica focou-se no combate ao discurso da desqualificação com o discurso do esvaziamento político, demonstrando que, dentro das narrativas dominantes, existem procedimentos excludentes distintos, mas que se unificam no impedimento de que as mulheres, os negros, a periferia e a comunidade LGBTs rompa as limitações colocadas e sejam o centro do debate nos meios de comunicação. A mídia hegemônica desqualifica o sujeito Marielle enquanto alvo por suas lutas, colocando-a como mais uma vítima da violência urbana. E assim alerta a população para a criminalidade descontrolada, principalmente na capital fluminense, justificando a Intervenção Militar, combatida em vida pela parlamentar.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Claudio. **A regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: \_\_\_\_\_ **A Cultura no Plural**. Campinas (SP), Papyrus, 1995, p. 55-84.
- DU GAY, Paul. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. Londres: Sage.1997.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades de mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- HARTLEY, John. **A Short History of Cultural Studies**, London, SAGE Publications, 2003.
- LACLAU, E. MOUFFE, C. 2004. **Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro. Pensar la comunicación desde la educación. In. **Revista Nómadas**. n.5. Bogotá, Universidad Central, 2001.
- Princípios Editoriais do Grupo Globo**. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#principios-editoriais>. Acesso em: 10 de mai. 2018.
- SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005
- \_\_\_\_\_. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- SANTI, H., & Santi. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Anagrama, 2(1), 1-12. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35343>. 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- TV é o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar, e internet de 26%, diz pesquisa. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 10 de out. 2018.
- WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución**. Buenos Aires, Nueva Vision, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1980-2005.

## ANEXO A - PROJETO DE LEI Nº 82/2017

**EMENTA:** **INCLUI O DIA DA VISIBILIDADE LÉSBICA NO CALENDÁRIO OFICIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO CONSOLIDADO PELA LEI Nº 5.146/2010**  
**Autor(es): VEREADORA MARIELLE FRANCO**

### A CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

#### DECRETA:

Art. 1º Fica incluída, no § 8º do art. 6º da [Lei nº 5.146, de 7 de janeiro de 2010](#), a seguinte data comemorativa:

Dia Municipal da Visibilidade Lésbica, a ser realizado no dia 29 de agosto.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Plenário Teotônio Villela, 14 de março de 2017.

Vereadora **MARIELLE FRANCO**

#### **JUSTIFICATIVA**

Essa data foi criada por militantes lésbicas brasileiras, durante o 1º Seminário Nacional de Lésbicas - Senale, em 1996, e, a partir dela, foi estabelecido agosto como o mês da visibilidade lésbica. As mulheres lésbicas são alvo de violência simbólica, verbal, psicológica, física e econômica em todos os espaços: a família, a rua, os hospitais, a escola, o trabalho. Essa opressão imposta pela sociedade patriarcal causa muito sofrimento, podendo provocar a negação da própria sexualidade, afastamento de familiares, a construção de uma vida dupla e, em alguns casos, suicídio.

Dentre as expressões mais extremas de violência contra lésbicas existe uma enorme ocorrência do chamado estupro “corretivo”, prática cruel que é movida pela intolerância à orientação sexual das mulheres lésbicas. É importante ressaltar que as mulheres lésbicas negras e/ou periféricas estão ainda mais vulneráveis a essas diferentes formas de violência. A invisibilidade lésbica se apresenta de muitas formas: quando campanhas de conscientização para a prevenção de DSTs se referem exclusivamente às formas de proteção próprias ao sexo falocêntrico; na dificuldade de contemplação nas fertilizações *in vitro*, na falta de dados e pesquisas sobre as particularidades da violência contra as mulheres lésbicas e na ausência de representatividade lésbica na mídia e na política.

Esses são só alguns exemplos que demonstram porque é urgente uma data para se debater e promover a visibilidade das mulheres lésbicas. Esses exemplos são o produto de uma sociedade com valores machistas e lesbofóbicos. O apagamento lésbico é alarmante porque é, ao mesmo tempo, resultado e fonte da lesbofobia. E é essa mesma lesbofobia, o ódio e o preconceito contra as mulheres lésbicas, que faz com que as mulheres lésbicas sofram diferentes formas de violências, desde a negação de suas identidades até a violência sexual e física.

## **ANEXO B - Transcrição da Transmissão ao vivo no facebook, 2017**

Alô galera, estamos aqui na Câmara Municipal, hoje é um dia histórico, na verdade um mês histórico, principalmente para a população LGBT. Hoje a gente veio na segunda discussão do nosso projeto que, apresenta no calendário oficial o Dia da Visibilidade Lésbica, principalmente o movimento de mulheres, o movimento de mulheres lésbicas sabe e luta, tá na rua, principalmente o mês de agosto, é um mês de comemoração, um mês de reivindicação. Um mês onde a gente pauta o dia 29 de agosto, que é o Dia da Visibilidade Lésbica como um momento e um processo de concretização de uma luta.

Da vida das mulheres lésbicas pelo direito de amar, de ser, de viver, de existir. A gente apresentou esse projeto aqui na Câmara, enquanto vereadora, o projeto foi aprovado em primeira discussão, são duas votações na sequência, ele retornou hoje, com as galerias cheias, isso é algo muito importante. Com as mulheres lésbicas, com a frente lésbica, com alguns coletivos presentes, dizendo sim a minha vida, sim as nossas vidas importam e estão aqui sendo ditas, reivindicadas. A gente tirou da zona de conforto essa casa, que cada vez mais se coloca, pra que veio, não é à toa que a gente busca cada vez mais o lugar da representatividade, das mulheres, das mulheres negras, das mulheres lésbicas, das mulheres faveladas.

Porque é uma casa que se coloca conservadora e encastelada, muitas das vezes com poucos debates, com poucas discussões, com poucos questionamentos. Foi diferente do que aconteceu hoje, debates acalorados, muitas das vezes, debates pouco fundamentados, infelizmente, mas um debate sobre a nossa vida, um debate sobre a relação das mulheres negras na cidade do Rio de Janeiro. Que independe do calendário oficial, é obvio que a gente vai disputar sim essa data, porque esse é um lugar de direito, querendo ou não nós existimos, nós vivemos, nós amamos e isso é que é o fundamental.

A gente se questiona muito, se esses vereadores e vereadoras que, ou fizeram uma nota, ou questionaram, ou votaram contrário, se não têm na sua família homossexuais, lésbicas, trans. Aonde estão porque é como se nós não existíssemos. Esse é um debate que a gente precisa fazer e não é à toa. É mais importante ainda que a gente estar muito organizada, estar na rua, pelo dia da visibilidade lésbica. E a gente têm uma série de atividades, esse é o mês de comemoração, de debate, de reivindicação. No dia 29 a gente têm uma atividade na Maré, no Centro de Arte e no dia 30 a nossa Roda de Conversa aqui, então vai ter muita luta, vai ter mulher lésbica na

câmara, a gente se colocando, se dispondo, fazendo a luta pela política pública, a luta pelo orçamento qualificado, negando essa correção, estupro corretivo, negando a violência.

Hoje, no dia de hoje, duas mulheres lésbicas em Rio das Ostras, na Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro, foram violentadas. Então, esse é um tema que não vai ser colocado pra debaixo do tapete. Esta casta da política, que defende distritão, que fala da manutenção dos homens brancos, não querem enfrentar temas e posições como a nossa. Por isso que a gente diz sim que vai ter mulher lésbica na Câmara, por isso que a gente se organiza pro dia 29, dia 30 e fala sim que as mulheres lésbicas existem e resistem. Vamos que vamos, é rua e é luta e é ocupação de todos os espaços de poder, pro lugar de visibilidade das mulheres.

## ANEXO C - Transcrição do Jornal Nacional de 15 de março de 2018

Bonner: Boa noite.

Renata: Boa noite.

Bonner: Indignação e luto no Brasil.

Renata: A socióloga, líder comunitária e vereadora pelo Psol, Marielle Franco, é executada a tiros.

Bonner: Que matam também o motorista Anderson Pedro Gomes, pai de uma criança de um ano.

Renata: Os disparos no bairro do Estácio, no Rio, reverberam no mundo.

Bonner: A imprensa internacional noticia o episódio com destaque e com espanto.

Renata: O ministro da segurança pública diz que os responsáveis serão identificados e presos.

Bonner: Na câmara municipal do Rio a chegada dos corpos para o velório é sobre os aplausos de uma multidão indignada.

Renata: Os ministros do supremo tribunal federal manifestam repúdio aos crimes durante a sessão da quinta-feira.

Bonner: E milhares de brasileiros vão as ruas para protestar contra a covardia dos assassinatos.

Renata: A partir de agora, no Jornal Nacional.

Bonner: Ao longo de toda esta quinta-feira, 15 de março, os brasileiros foram tomados por um sentimento de indignação de tal ordem, que no fim do dia, milhares de pessoas estavam na rua para deixar muito claro. Os cidadãos de bem desse país exigem a investigação rápida e a punição exemplar dos assassinos da vereadora do Psol Marielle Franco e do motorista Anderson Pedro Gomes, que dirigia o carro em que ela estava ontem à noite, no Centro do Rio de Janeiro.

Bette Lucchese: Os assassinos não agiram de forma improvisada, planejaram a ação. Os investigadores dizem que o atirador sabia usar bem a arma, uma pistola calibre nove milímetros. A polícia fala em execução, mas ainda não sabe explicar os motivos. A vereadora participou de um encontro com mulheres negras ontem à noite na Lapa, centro do Rio. Essas são imagens do evento, divulgadas em uma rede social pouco antes do crime. Por volta das nove da noite, a

vereadora, uma assessora dela e o motorista Anderson Pedro Gomes saíram do evento de carro e seguiram por quase três quilômetros. A polícia procura imagens de câmera de segurança ao longo desse trajeto. A viagem foi interrompida no bairro do Estácio, também na região central da cidade. Os assassinos pararam o carro deles perto do carro das vítimas, atiraram e fugiram. Tudo foi muito rápido.

Lucchese: A vereadora estava no banco de trás e foi atingida quatro vezes na cabeça. Ao lado dela, estava a assessora, que ficou ferida apenas por estilhaços dos vidros, o motorista, Anderson Gomes, acabou baleado três vezes nas costas e como Marielle Franco, morreu na hora. Todos os tiros, foram disparados aqui, do lado direito, exatamente no lugar onde a vereadora estava sentada. Policiais descobriram que a vereadora não tinha o hábito de andar no banco traseiro, por isso acreditam que os assassinos estavam observando a vítima momentos antes do crime e seguiram o carro dela. Como os vidros do carro têm uma película escura, não seria possível na pressa, identificar onde a vereadora estava sentada. Essas imagens, publicadas pelo Jornal Extra, mostram a assessora de Marielle Franco logo após a execução. O nome dela não foi divulgado por segurança, ela prestou depoimento por cinco horas na divisão de homicídios. Os investigadores ouviram uma outra testemunha, que estava na rua. Nessa manhã, o carro passou por uma segunda perícia. Ele foi atingido por pelo menos treze disparos, nove na lataria e quatro no vidro. Os peritos encontraram nove cápsulas de bala calibre nove milímetros. O ministério da segurança pública, colocou a polícia federal a disposição para ajudar na investigação.

Rivaldo Barbosa, chefe da polícia civil: Quem quiser nos ajudar, nós receberemos ajuda, de qualquer instituição. Entretanto, eu quero dizer, que a polícia civil do Estado do Rio de Janeiro tem capacidade para resolver esse caso e nós vamos fazer de tudo para dar uma resposta a esse crime bárbaro, esse crime que não vai ficar impune.

Repórter: A investigação aponta execução?

Barbosa: Todos os aspectos envolvendo a investigação, como vocês muito bem sabe, que a gente sempre trabalhou junto, estão sobre sigilo e a gente não descarta, nesse momento, nenhuma possibilidade.

Lucchese: O deputado estadual Marcelo Freixo, do PSOL, mesmo partido da vereadora, se reuniu com o chefe de polícia civil do Rio para cobrar rapidez nas investigações.

Freixo: Eu conversei com a Marielle terça-feira longamente, sábado a gente estaria na favela da Maré juntos. Então ela não me disse nenhuma coisa, nenhuma ameaça. Eu conversei com a irmã dela ontem, conversei com a mãe dela ontem, com toda a equipe dela, ninguém sabe de nenhuma ameaça, não havia nenhuma ameaça sobre ela. Agora, a Marielle comprava todas as brigas que tinha que comprar.

Lucchese: Marielle Franco era atuante nas redes sociais, no sábado ela escreveu que PMs estavam aterrorizando moradores na favela de Acari, na Zona Norte. Disse que era um absurdo o que estava acontecendo em Acari. “Chega de matarem nossos jovens”. A vereadora também comentou a morte do jovem Matheus Melo, que foi assassinado na segunda-feira na favela do Jacarezinho, depois de sair da igreja, e postou um dia antes de ser morta. “Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para a conta da PM. Matheu Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?”

Anielle Franco (irmã da vereadora): Ameaça, nenhuma vez. A gente esteve junta no domingo, conversamos, ela tem uma filha de 20 anos que, fica muito mais comigo por ter essa coisa com adolescente e tudo, nada, em momento nenhum, se ela tivesse algum tipo de ameaça com certeza eu saberia, assim, não falou nada, nada. Me perguntaram isso ontem também, e não tinha, não tinha ameaça.

Lucchese: Hoje de manhã, num evento em Fortaleza, o ministro da segurança pública, Raul Jungmann pediu um minuto de silêncio em nome da vereadora e de todas as vítimas de violência.

Jugmann: Eu quero aqui assumir um compromisso, de que esses que cometeram esse bárbaro crime, ceifando uma vida jovem, de que eles não ficaram impunes, não ficaram impunes.

Lucchese: Em nota, o interventor federal no Rio, General Braga Netto, declarou que acompanha o caso em contato permanente com o Secretário de Estado de Segurança. O Secretário Richard Nunes, determinou à divisão de homicídios ampla investigação sobre os assassinatos, no fim da tarde, a Procuradora Geral da República, Raquel Dodge, veio ao Rio para um encontro com o Procurador Geral de Justiça do Rio de Janeiro, Eduardo Gussem, ela avalia pedir a federalização da investigação.

Dodge: Este é um caso eu precisa do apoio de todas as forças investigatórias e certamente a participação da polícia federal é importante neste episódio, porque o crime no Rio de Janeiro tem acontecido em diversas áreas, e muitas dessas áreas são relativas a crimes federais. É

preciso haver a troca adequada de informações, para que tudo que está atrás e que motivou este grave assassinato seja desvendado com a maior celeridade possível.

Gussem: A presidência do inquérito policial será da polícia civil do Estado do Rio de Janeiro e obviamente o Ministério Público do Rio de Janeiro conduzirá essas investigações até o oferecimento da denúncia. Agora, como foi dito pela própria doutora Raquel Dogge, qualquer tipo de auxílio, em investigações e apontamentos sobre o crime serão muito bem vindos.

Renata: Uma multidão foi se despedir de Marielle Franco na Câmara Municipal do Rio, a vereadora era reconhecida como defensora da igualdade de direitos e demonstrava orgulho da sua origem.

Paulo Renato Soares (repórter): Mulher negra, cria da Maré, defensora dos Direitos Humanos. Era assim que Marielle se descrevia nas redes sociais. Era assim que ela vivia.

Marielle: Uma coisa é você morar, nascer, viver na favela, outra coisa é você reivindicar e usar desse lugar de favelada pra estar fazendo política de outra maneira.

X: Marielle Franco começou na militância política depois de perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes na favela onde nasceu. Estudou com bolsa integral, era socióloga, mestre em administração. Vereadora pelo PSOL, Marielle tinha só 38 anos.

Anielle Franco: A gente mais uma vez sendo vítima dessa violência, deste Estado, dessa ausência de segurança que a gente tem. Tentaram calar, não só 46 mil votos, muito mais né, várias mulheres negras. Foi um ato covarde.

X: Essa, é a última imagem dela pouco antes de ser assassinada, participou de uma roda de conversa com mulheres negras, na Lapa, Centro do Rio.

Marielle: Na minha fala do oito de março, a gente terminou com uma frase da Audre Lorde. “Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”.

Paulo: Se a morte de Marielle teve a intenção de calar a mulher que se fez ouvir além dos muros da favela, a partir de hoje, a voz dela, vai estar ainda mais presente.

Viviane Sales (Socióloga): A morte da Marielle é uma perda irreparável. Uma mulher incrível, guerreira, representativa das pautas populares. Marielle sempre radiante, firme, corajosa, perde a vida de uma forma terrível.

Paulo: Um dos poucos rostos da renovação política do Rio, Marielle era voz forte em defesa do jovem, das mulheres, dos negros, dos homossexuais. Era a voz contra a violência e as desigualdades. (10:01) Ela entrou para a política como assessora do Deputado Estadual Marcelo Freixo, do PSOL, com quem trabalhou por 10 anos. Em 2016 foi eleita vereadora com a quinta maior votação da cidade. Presidia a comissão em defesa da mulher e participou da CPI dos ônibus na Câmara Municipal. Marielle, também era uma das relatoras da comissão parlamentar que acompanha a Intervenção Federal na Segurança Pública do Rio. Ela foi contra a Intervenção, porque temia que as ações prejudicassem os mais pobres, moradores das comunidades carentes, já submetidos ao tráfico. Ela também criticava, a falta de uma definição sobre quem iria fiscalizar as ações. Foram muitos os sentimentos que levaram essa multidão ao velório na Câmara dos Vereadores, no Centro do Rio. Os corpos de Marielle Franco e de Anderson Gomes, foram recebidos com muita emoção. Depois, todos foram até o cemitério do Caju, na Zona Portuária do Rio, pra última despedida.

Padre: Vida tirada, vida ceifada, mas, a luta continuará (imagem da mulher de Marielle chorando).

Zezé Motta (Atriz): Ela vai despertar, uma coisa em todos nós, que a gente vai todos os dias acordar pra fazer alguma coisa.

Paulo: Marielle Franco tinha uma filha de 20 anos, ela deixou uma mensagem em uma rede social. “Mataram minha mãe e mais 46 mil eleitores! Nós seremos resistência por que você foi luta! Te amo!”

Freixo: É uma militante dos Direitos Humanos assassinada. É uma militante dos Direitos Humanos calada. Silenciada. A resposta virá, você não tenha dúvida que no Brasil inteiro hoje, quem matou a Marielle, achando que iria calar a Marielle, transformou a Marielle em um símbolo, que vai fazer com que muitas Marielles brotem em praças públicas a partir de hoje. Não vai ficar impune e isso não vai provocar silêncio.

Bonner: O motorista Anderson Pedro Gomes era casado, pai de um menino de um ano de idade.

Ari Peixoto: No IML, a hora de enfrentar um duro momento, reconhecer o corpo da pessoa que se ama. Saber que ela, não vai mais estar presente ali do lado.

Ághata Amous (Esposa de Anderson): A dor, com certeza, no momento, é maior. Claro que a revolta eu sinto, mais também acaba que a gente já está imerso nisso. A gente acabou se acostumando, no final das contas é mais um, é uma frase clichê mas é isso e acaba que não sou

só eu, são várias pessoas, então, a revolta acaba ficando meio pra trás porque a dor é muito maior do que perder tempo se revoltando com alguma coisa.

Peixoto: O corpo de Anderson Pedro Gomes foi velado na Câmara dos Vereadores, e depois levado para o cemitério de Inhaúma, onde foi enterrado. Anderson estava na linha de tiro, e foi atingido por três balas, no lado esquerdo das costas. Ele morreu dentro do carro, antes do socorro chegar. 39 anos, motorista de uber, ele trabalhava a dois meses para a vereadora Marielle Franco em substituição ao motorista oficial da parlamentar que se acidentou. Era um bico, um dinheiro extra que ele ganhava para dar uma vida melhor pra mulher, Ághata, e pro filho Arthur, de um ano de idade.

Ághata: Nosso filho nasceu com uma má formação e nós passamos vários percalços com o Arthur, então as coisas fizeram com que a gente ficasse mais agarrado, ele era um pai super amoroso, nós passamos uma barra juntos, e ele sempre ali do lado, louco pelo filho e é difícil até pensar como vai ser ficar sem ele e explicar isso pra criança, fazer a criança ter uma memória do pai, é simplesmente horrível.

Peixoto: Nas redes sociais amigos demonstraram luto e reclamaram da violência. “Hoje acordei com uma triste notícia, nunca imaginei que isso fosse doer tanto, mas dói, dói mais a brutalidade, a falta de segurança”. Os parentes e os amigos contaram que Anderson, era considerado uma pessoa de confiança pela vereadora. Educado, responsável, cuidadoso.

Silvia Maurity (Administradora de Empresa): Ele é muito novo, tem um filhinho de um ano que é uma lindeza. É muito triste.

Rubens Batista de Almeida (Motorista): Ele vai ficar vivo aqui, e aqui. A lembrança que eu tenho daquele cara ali, não vai morrer nunca.

Renata: Nesse momento uma multidão está no Centro do Rio de Janeiro, o repórter André Trigueiro está a bordo do Globocop, está sobrevoando a região e tem informações ao vivo pra gente. Boa noite André.

André: Boa noite Renata. Milhares de pessoas permanecem reunidas aqui na Cinelândia, em protesto contra os assassinatos da vereadora Marielle Franco e também do motorista Anderson Gomes, durante todo o dia, desde cedo houve protestos aqui na Câmara, transformada em local de vigília e também na Assembléia Legislativa, que fica a pouco mais de um quilômetro daqui. Houve também passeatas nas principais ruas e avenidas do centro. Você vai ver, a gente vai tentar mostrar, dezenas de velas acesas na porta da Câmara, que era o local de trabalho da

Marielle. Ela que teve o mandato interrompido por um crime brutal, que gerou um clima de comoção na cidade. Muita gente veio de preto, em sinal de luto, e daqui a gente avista faixas onde se lê Marielle gigante ou Marielle presente. Apesar de o dia inteiro de manifestações, vigílias, passeatas e protestos, essa multidão permanece na Cinelândia, sem arredar o pé, em frente à Câmara dos Vereadores. Bonner, Renata.

Renata: André Trigueiro mostrando ao vivo pra você as imagens da vigília pelas vítimas de hoje. E a seguir, as reações das autoridades e da sociedade civil.

Bonner: E a repercussão dos assassinatos na imprensa mundial.

Renata: Nesta quinta-feira, autoridades de todos os poderes demonstraram indignação com os assassinatos da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes.

Carlos de Lannoy: Parlamentares levaram girassóis ao plenário da Câmara em Brasília, estenderam uma faixa com os dizeres “Marielle, presente! Anderson, presente!”. Na homenagem deputados lembraram a luta da vereadora carioca na defesa dos Direitos Humanos e pediram que a investigação do assassinato seja acompanhada pela Câmara.

Luiza Erundina (Deputada Federal PSOL/SP): Cada um de nós, sobretudo nós mulheres, nós nos sentimos morrendo um pouco no dia de hoje, no dia de ontem.

Carlos: O presidente da Câmara autorizou a criação de uma comissão externa para acompanhar a investigação do crime.

Rodrigo Maia (Deputado Federal DEM/RJ): Eu acho que o que vai prevalecer, pra que a gente consiga encontrar uma solução não apenas para esse caso, mas para tantos assassinatos no Brasil é o equilíbrio e as condições para que o Estado como um todo e todos os estados que vivem a crise tenham condições de cumprir o seu papel, investigação e de fato combater o crime organizado que vem tirando muitas vidas no Brasil.

Carlos: O presidente do Senado estava em Fortaleza e também lamentou as duas mortes.

Eunício Oliveira (Senador PMDB/CE): Eu vejo isso com tristeza, porque nós não sabemos de onde partiu e como partiu. Agora, eu não tenho dúvida, sinceramente, eu não tenho dúvida que esse crime será esclarecido o mais rapidamente possível. Até porque, o esclarecimento desse crime vai servir de exemplo, para outros que imaginam que podem intimidar aqueles que têm a responsabilidade com o país.

Carlos: Outros senadores também se manifestaram.

Jorge Viana (Senador PT/AC): Nós estamos vivendo uma comoção no país, com repercussão lá fora, dessa execução cruel, de uma parlamentar, da Marielle Franco e do Anderson Gomes, isso chocou todos nós. E pra mim, sinceramente, nós não podemos estar nos dividindo, se a intervenção é boa ou não na área de segurança no Rio de Janeiro. Eu queria uma intervenção no Brasil inteiro. Eu espero que isso possa ser um ponto final, que a gente possa estar todo o país unido, no sentido de enfrentar, as milícias, o crime organizado. Porque houve um grande desafio nesta execução. Eles desafiaram o Estado brasileiro, desafiaram as autoridades policiais fazendo essa execução em pleno Centro do Rio de Janeiro.

Carlos: O presidente Michel Temer publicou um vídeo nas redes sociais.

Temer: É inaceitável. Inadmissível. Como os demais assassinatos que ocorreram no Rio de Janeiro. É um verdadeiro atentado ao Estado de Direito e um atentado à Democracia. Por isso aliás, nós decretamos a intervenção, para acabar com esse banditismo desenfreado que se instalou naquela cidade por força das organizações criminosas.

Carlos: O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Ministro Luiz Fux, falou sobre o assassinato na abertura da seção.

Luiz Fux: Gostaria de me manifestar nosso profundo pesar pela trágica morte dessa vereadora. Nós ficamos também, de certa forma, chocados com essa notícia que, no mundo de hoje se tente calar a voz política através de uma atitude que demonstra um baixíssimo déficit civilizatório nesse campo e ao mesmo tempo consignar em ata nossa solidariedade aos familiares, aos amigos da vereadora Marielle Franco, que nesse momento passam essa intensa dor de uma perda por motivos que se anulam pela bastardia da própria origem.

Carlos: No supremo tribunal federal, advogados representantes do MP e ministros, também lembraram o assassinato da vereadora e do motorista dela. A presidente do supremo, Ministra Cármen Lúcia, destacou a crueldade dos crimes contra as mulheres.

Cármen Lúcia: Todas nós continuamos a sofrer preconceitos e de grande, de enorme gravidade, que vão desde uma brincadeira, o deboche que é uma forma de, pela zombaria, desqualificar as mulheres, desmoralizar mulheres, o que, na mesma situação, não acontece com homens, até a forma de violência, como agora lembrada em quase todos os votos aqui, neste caso do Rio desta madrugada, que de forma crua, perversa, cruel, faz com que a gente tenha que ter muita força para continuar a acreditar num marco não civilizatório, mas um marco de humanidade do período que nós estamos vivendo.

Ricardo Lewandowski (ministro do STF): Vivemos hoje, lamentavelmente no Brasil, uma maré montante de ódio, de intolerância, que atinge não só apenas as mulheres negras, como foi o caso da vereadora Marielle, mas também outras minorias. Eu penso que é função, ou até missão, do Supremo Tribunal Federal, estarmos atentos e contribuirmos para a solução desse grave problema e a pacificação de nosso país.

Roberto Barroso (ministro do STF): Tem faltado palavras para descrever o que está acontecendo no Rio de Janeiro neste exato momento, uma combinação medonha de desigualdade, corrupção e mediocridade, num ciclo vicioso difícil mesmo de se romper e que tem conduzido a extrema violência que nós estamos enfrentando. Tanto é imensa a sensação de pesar e de desalento em momentos como esse, sobretudo pra quem é do Rio, como é o meu caso. E acho que a única homenagem que a gente pode prestar a quem luta por justiça e por igualdade, é continuar a luta por justiça e por igualdade.

Gilmar Mendes (ministro do STF): Meus sentimentos por mais esse episódio lamentável ocorrido no Rio de Janeiro, e dizer que é nossa responsabilidade enquanto judiciário, por esse tema da segurança pública, é necessário que se discuta essa questão da integração, numa perspectiva muito mais ampla. Eu sei que há no âmbito do Congresso Nacional hoje, um debate sobre a integração, dos órgãos de segurança pública. Nós não podemos nos esquecer, tenho discutido isso inclusive com o ministro Alexandre e com o ministro Toffoli, aqui é uma grande responsabilidade tanto do Ministério Público, quanto do próprio Judiciário.

Carlos: O assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes mobilizou autoridades em todo o país, e há um consenso, a apuração precisa ser rápida, e os responsáveis não podem ficar impunes.

Carlos: O governador do Rio, Luís Fernando Pezão, do MDB, disse em nota que acompanha com as forças federais integradas de segurança, a apuração dos fatos para a punição dos autores desse crime hediondo. O prefeito do Rio, Marcelo Crivella, do PRB, se disse horrorizado com o crime.

Crivella: Todos nós repudiamos o homicídio brutal, que sofreu a nossa Marielle Franco. Nossa vereadora que na sua trajetória representa bem a superação, as virtudes de coragem, de bravura, de espírito público, de solidariedade, da mulher carioca.

Carlos: Para a ordem dos advogados do Brasil, a morte da vereadora é um crime contra toda a sociedade e ofende diretamente o Estado Democrático de Direito. Para a arquidiocese do Rio,

este crime faz recair sobre todos nós, a responsabilidade pela efetiva busca de uma cultura de paz, concretizada no respeito à dignidade de todas as pessoas, em especial, as mais fragilizadas.

Bonner: O assassinato de Marielle Franco comoveu e mobilizou os brasileiros.

Renata: Uma voz contra todo tipo de desigualdade e injustiça, calada violentamente. Mas hoje, outras vozes se manifestaram. Hoje, país afora, Marielle Franco estava presente. Ela representava muitos brasileiros.

Bárbara Ayres (assessora parlamentar): Não atoa tem essa comoção toda, pra além das mulheres negras e faveladas, porque ela conseguiu fazer isso, ela conseguia mostrar para as pessoas que nós somos todos seres humanos, e eu estou aqui, como uma mulher trans, branca, comovida e me lamentando, porque ela me representava antes de qualquer coisa.

Renata: O complexo da Maré, onde Marielle nasceu e foi criada estava de luto.

Maria Morganti (jornalista): A sensação é que mataram a gente. Ela era a gente, ela era a gente lá. Segunda descrição dela, cria da Maré. Fica um buraco não só dela mas em relação ao futuro. O que que vai acontecer.

(Sem crédito): Do luto à luta. Então eu acredito nisso. Lutar, lutar para resistir. Resistir para existir. Porque a nossa voz, voz nós temos, mas não somos ouvidos. Quando nós vamos ser ouvidos, calam as nossas bocas, calam as nossas vozes.

Renata: A morte de Marielle Franco comoveu o país, neste quinze de março, o nome Marielle era um dos mais populares nas redes sociais. As homenagens, vinham da favela e do asfalto. De anônimos e de artistas e intelectuais. Caetano Veloso compartilhou um vídeo, dedicando uma música a ela. A cantora Elsa Soares desabafou. “Toda morte me mata um pouco. Dessa forma me mata mais. Marielle Franco, sua voz ecoará em nós. Gritemos”. A atriz Camila Pitanga também se manifestou. “Vamos transformar a nossa dor na luta que ela travava”. O autor de novelas Walcyr Carrasco se perguntava “como podemos permitir mortes como esta no país? Como entramos nessa guerra sem sentido? E pior, será que vamos conseguir um dia sair dela?”. “Os sonhos não morrem”, disse o rapper Emicida. Representantes de movimentos sociais também lamentaram a morte precoce e violenta da vereadora.

Silvia Mendonça (Movimento Negro Unificado): A gente tem que sobreviver, e tem que continuar lutando e brigando. É isso que nos fortalece. Ela caiu mas nós não vamos, até porque ou a gente derrota isto que está aí ou a gente vai deixar de existir. E essa história eu não quero pros meus filhos e netos não, pelo contrário.

Renata: O Instituto Sou da Paz disse que Marielle era símbolo, umas das poucas mulheres negras da periferia que conseguiram vencer a barreira eleitoral e conquistar uma posição no legislativo. Nesse sentido, a morte de Marielle é um atentado à democracia brasileira. O assassinato de Marielle Franco repercutiu muito além dos 46 mil eleitores que a elegeram vereadora no Rio. A luta dela hoje passou a ser conhecida no Brasil inteiro. Hoje a voz de Marielle Franco ficou ainda mais forte.

Mônica Teixeira (repórter): Aqui no Rio à frente da Câmara onde Marielle exerceu seu primeiro e único mandato como vereadora, foi palco de processos durante todo o dia de hoje. E de homenagens também, para mostrar que as bandeiras que ela levantou não serão esquecidas.

Faixas e cartazes pediam o esclarecimento dos assassinatos da vereadora e do motorista dela, Anderson Gomes. Integrantes de movimentos sociais, ativistas políticos e militantes políticos se revezavam ao microfone. À tarde o protesto aconteceu em frente à Assembleia Legislativa do Estado, depois o grupo seguiu em passeata até a Cinelândia, em frente à Câmara dos Vereadores. As manifestações foram convocadas desde a madrugada pelas redes sociais. A indignação também motivou indignações em outras cidades, em Campinas, teve ato na Unicamp. Em Salvador, as pessoas que participavam do Fórum Social Mundial também se manifestaram. Depois o grupo participou de uma caminhada. Em São Paulo, o ato contra o assassinato de Marielle começou no meio da tarde, manifestantes se reuniram no vão livre do Masp, depois ocuparam as pistas da avenida Paulista nos dois sentidos e pediram a saída do presidente Temer. A manifestação também contou com o apoio de funcionários públicos que estão em greve. Eles saíram do Centro da cidade em passeata e se reuniram aos manifestantes. Em Aracajú, vigília e frente à Câmara dos Vereadores, as frases expressavam repúdio. No Recife a manifestação foi de militantes de partidos e de movimentos sociais. Eles cobravam respostas pelas duas mortes e fizeram discursos em solidariedade a Marielle. Protestos também no Rio Grande do Norte, em Natal teve uma caminhada no Centro da cidade, em Mossoró uma vigília. Em Fortaleza manifestantes pediram paz e acenderam velas para homenagear Marielle, Anderson e outras vítimas da violência. Velas e fotos da vereadora foram espalhadas em Brasília, balões pretos e cartazes perguntavam “Quem matou Marielle?”. Nas escadarias da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, os manifestantes fizeram uma vigília pedindo justiça. Protestos também aconteceram em Maringá e em Londrina. Na Assembleia Legislativa Gaúcha a seção foi suspensa em sinal de luto. Deputados usaram camisetas com imagens de Marielle. De tarde, uma multidão se reuniu no Centro para pedir a investigação e a punição dos autores do crime. Em Belo Horizonte manifestantes levaram faixas e cartazes para protestar

contra a violência sofrida por jovens negros, e fazer uma homenagem a vereadora Marielle Franco. As reações, foram além das fronteiras do país. Em Portugal, as pessoas se reuniram numa vigília no Centro de Lisboa para homenagear a vereadora. A ONG Redes da Maré deixou uma homenagem, a mulher que levou a voz das minorias para muito além da favela onde ela nasceu. “A Maré perdeu uma filha, o conjunto sangra, com suas 16 favelas e seus 147 mil moradores, Marielle que, nem faz tanto tempo assim, brincava pelas ruas e vielas, exibia o seu sorriso confiante, seus traços de princesa nagô; e fazia a gente pensar que tudo é possível e que essa cidade, esse estado, esse país tem jeito. Mas vamos enxugar as lágrimas e estancar o sangue. Manter Marielle e seus sonhos vivos é prosseguir na luta”.

Renata: Grupos de defesa dos Direitos Humanos se manifestaram e a imprensa mundial se manifestou com espanto ao assassinato de Marielle Franco.

Na imprensa americana, jornais como o The Washington Post e a rede ABC publicaram reportagens sobre o assassinato de Marielle. O The Post e a ABC afirmaram que ela havia acusado policiais de serem agressivos em buscas nas favelas. O New York Times destacou que a vereadora era crítica da polícia e que o crime abalou o Brasil. O texto diz que muitas mortes ficam impunes no país. O Jornal Britânico The Guardian deu destaque as críticas de Marielle a ação da polícia e a intervenção e disse que ela foi a mulher negra que desafiou a política no Rio ao se eleger como a quinta vereadora mais votada. A rede inglesa BBC destacou a militância de Marielle e também a reação indignada da sociedade brasileira a esse crime. A agência de notícia alemã, Deutsche Welle, disse que os investigadores acreditam em execução, e que Marielle vinha responsabilizando a PM pela morte de jovens no Rio. O site da TV francesa, TV5MONDE, destacou os protestos e escreveu “emoção e raiva no Rio após o assassinato da vereadora”. No parlamento europeu deputados do bloco de esquerda protestaram contra o assassinato, usando cartazes que diziam “Marielle presente hoje e sempre”. Eles enviaram uma carta a comissão europeia, pedindo a suspensão imediata das negociações para o acordo de livre comércio do bloco com o Mercosul, do qual o Brasil faz parte e exigindo do Governo brasileiro uma investigação independente, rápida e profunda.

Tiago Eltz (repórter): Grupos de defesa dos Direitos Humanos também se manifestaram, a anistia internacional disse que o caso é gravíssimo e pediu uma investigação imediata e rigorosa. O alto comissariado da ONU para Direitos Humanos classificou o assassinato como profundamente chocante e cobrou que a investigação seja minuciosa, transparente e independente, para que possa ser vista com credibilidade.

Daniel Wilkinson (diretor para as américas do Human Rights Watch): A investigação tem que identificar e punir os culpados, porque se o caso ficar impune pode mandar uma mensagem muito perigosa e gerar um clima de medo e vulnerabilidade para todos no Rio que lutam para melhorar a segurança pública, sejam eles ativistas da sociedade civil, promotores ou policiais.

Bonner: Ainda nesta edição nós voltaremos com outras informações sobre o assassinato da vereadora e do motorista Anderson Gomes.

Renata: A seguir, como foi a mobilização de juízes federais e do trabalho pela manutenção de benefícios como o auxílio moradia.

Bonner: Servidores públicos de São Paulo voltaram a protestar contra o projeto de lei que altera a alíquota da previdência municipal. Hoje não houve confronto. A proposta do prefeito João Dória, do PSDB, é aumentar a contribuição dos servidores de 11 para 14%. Só 130 manifestantes puderam assistir a audiência, sendo que separados dos vereadores. Uma multidão se concentrou em frente ao prédio. 25 mil pessoas, segundo a guarda civil metropolitana, 80 mil, segundo os organizadores.

Renata: Em 17 estados e no Distrito Federal, juízes federais e da justiça federal do trabalho fizeram desta quinta-feira um dia de mobilização pela manutenção do auxílio moradia e pela recomposição salarial para a categoria.

Júlio Mosquéra: Em São Paulo os juízes se reuniram no Fórum Pedro Lessa, na região central da cidade, apesar da manifestação, a justiça federal funcionou normalmente. Em Belém juízes federais e do trabalho e procuradores, só atenderam os casos mais urgentes. Em Fortaleza 43 juízes federais e trabalhistas e representantes do Ministério Público do Trabalho aderiram a paralização. Em Brasília a manifestação ocorreu no TRT, onde as audiências foram desmarcadas. Juízes estaduais defendem o pagamento do auxílio moradia, mas não aderiram ao movimento. A associação dos juízes federais e as associações de procuradores federais e do trabalho, dizem que tiveram perda salarial de 40% desde 2005, pedem um reajuste de 16,8% e não aceitam perder o auxílio moradia, de 4377 reais por mês. Alegam que há um movimento para enfraquecer o judiciário na briga contra a corrupção.

Roberto Veloso (presidente AJUFE): Estamos fazendo esse ato, como um direito, não só constitucional, de resistir, de protestar e de denunciar. Mas um direito natural mesmo, que nós temos, de realizar esse protesto e de esclarecimento e de alerta à população, porque, um

judiciário fraco só vai satisfazer, só vai beneficiar, aqueles que durante anos e anos praticaram atos ilícitos no Brasil.

Mosquéra: Uma liminar concedida pelo ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal, em setembro de 2014, estendeu o pagamento do auxílio moradia aos magistrados e procuradores da república de todo o país. A decisão de Fux foi referendada um mês depois, pelo Conselho Nacional de Justiça e pelo Conselho Nacional do Ministério Público. O Conselho dos Presidentes dos Tribunais de Justiça se manifestou em nota contra o movimento, afirmou que considera inadmissível pressionar ministros da suprema corte com paralisação de atividade essencial à sociedade.

Mosquéra: No próximo dia 22 o plenário do supremo deve decidir se mantém ou suspende o pagamento do auxílio moradia. Hoje, só não recebem o benefício, juízes e procuradores da república que ocupam imóvel funcional.

Bonner: O Supremo Tribunal Federal derrubou a imposição de um limite de 15% do dinheiro do fundo partidário para campanhas de candidatas. Esse limite tinha sido estabelecido na Mini Reforma Eleitoral de 2015. Com a decisão, o limite segue a mesma proporção para candidatos homens e mulheres. O relator da ação, o ministro Edson Fachin disse que não existe justificativa razoável para discriminar mulheres na política.

Renata: O relator da Lava Jato na segunda instância, o desembargador João Pedro Gebran Neto, decidiu que a defesa do ex presidente Lula será notificada até dois dias antes do julgamento dos embargos de declaração no caso do triplex de Guarujá. Nesta ação Lula foi condenado a 12 anos e um mês de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro. Os advogados do presidente Lula queriam ser notificados com até cinco dias de antecedência.

Bonner: Agora é hora da previsão do tempo e está de volta ao Jornal Nacional, Maria Júlia Coutinho depois de um problema de conjuntivite, o dia é triste, mas é bom tê-la de volta, bem vinda.

Maju: Brigada Bonner, dia triste mesmo. Uma boa noite pra você, pra Renata e para todos, olha só, nas próximas horas pode chover (...) até amanhã.

Bonner: Daqui a pouco as últimas informações sobre a investigação do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes.

Renata: E a seguir, a Rússia responde às sanções anunciadas pelo Reino Unido.

Bonner: Donald Trump se gaba, de ter enganado o primeiro ministro do Canadá.

Renata: O presidente dos EUA Donal Trump se gabou de ter inventado dados estatísticos sobre comércio, numa conversa com o primeiro ministro do Canadá.

(...)

Renata: A seguir, exonerada a diretora do presídio feminino infestado por ratazanas em Rondônia.

Bonner: E ao vivo, você vai ter as últimas informações sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes.

Bonner: O governo de Rondônia exonerou hoje a diretora do presídio feminino de Porto Velho. Ontem o Jornal Nacional mostrou que a penitenciária está infestada de ratos. No fim da tarde, a Secretaria Estadual de Justiça acatou a determinação da vara de execuções penais de Rondônia e começou a transferir as 130 detentas pro novo presídio feminino, de Porto Velho. As obras do prédio estão praticamente concluídas.

Bonner: E nós voltamos a falar agora do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Pedro Gomes, um crime que acabou provocando indignação no Brasil inteiro e a gente viu no mundo também, a repórter Tatiana Nascimento traz ao vivo as informações da delegacia de homicídio do Rio, Tatiana.

Tatiana: Boa noite Bonner, boa noite Renata, a segunda testemunha, que prestou depoimento aqui na divisão de homicídios, além da assessora da vereadora, foi uma pessoas que estava na rua e viu toda a ação. Mas os delegados não deram detalhes. O disque denúncia recebeu dez ligações com informações sobre a morte de Marielle Franco. O ministro da segurança pública, Raul Jugman, se reuniu aqui no Rio com o interventor federal, General Braga Neto, e depois deu uma entrevista coletiva ao lado de representantes das polícias civil, federal e da ABIN. Ele disse que todos os órgãos, inclusive as forças armadas, estão empenhados na solução desse caso, mas que a investigação tem o comando da polícia civil. Ele disse ainda que os responsáveis vão ser punidos, independentemente do tempo ou dos custos que essa investigação demandar.

Renata: Outras informações sobre a execução da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes no Jornal da Globo. Até amanhã.

Bonner: Até amanhã.

## ANEXO D - Transcrição do Fantástico de 18 de março de 2018

Repórter 1: domingo, 18 de março, o Fantástico está no ar e vai voltar no tempo.

Repórter 2: para 8 de março de 2017, dia das mulheres.

Repórter 1: Marielle está na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Marielle: Cláudia Ferreira.

Pessoas na tribuna: Presente!

Marielle: Jandira Cruz.

Pessoas na tribuna: Presente!

Marielle: Heloá.

Pessoas na tribuna: Presente!

Marielle: Eliza Samudio.

Pessoas na tribuna: Presente!

Repórter 1: É um chamamento para que as brasileiras mortas violentamente nos últimos anos nunca sejam esquecidas.

Tarjeta: Um ano depois...

Multidão: Marielle

Multidão: Presente

Multidão: Hoje

Multidão: E sempre

Poliana Abritta: Boa noite!

Tadeu Shmidt: Esta semana os brasileiros que não toleram mais a violência, a covardia e a impunidade ergueram a voz em um grito por justiça. Justiça pelo assassinato da vereadora Marielle Franco, do PSOL, e do motorista Anderson Gomes, no Rio de Janeiro. Foram 13 tiros e todos os indícios de uma execução.

Poliana Abritta: Ainda hoje aqui no Fantástico Elsa Soares, Pity e a orquestra Maré do Amanhã, vão homenagear a vereadora, que se destacou na defesa dos direitos humanos. Mas agora a gente vai ouvir os relatos da única sobrevivente do ataque da noite de quarta-feira.

Tadeu Schmidt: A assessora de Marielle recebeu a repórter Renata Seribelle para uma entrevista exclusiva.

Mensagem de voz da assessora para o marido: Olha só o carro que eu tava com a Marielle, que eu to, levou uma porção de tiro, a Marielle foi atingida. Eu to nervosa mas eu to bem, foram vários tiros.

Renata: A assessora de Marielle recebeu nossa equipe mas não quis mostrar o rosto, nem ter o seu nome divulgado.

Assessora: Eu to apavorada, eu to despedaçada. Como não ter medo? Que audácia! Como matam numa forma covarde, uma mulher...

Renata: Você acha que você escapou por sorte ou você acha que o objetivo não era você, você pensa nisso?

Assessora: Eu não penso nisso, eu prefiro que as investigações pensem sabe. As autoridades têm que me dizer e logo. Quem fez isso e porque fez isso. É isso que eu espero.

Renata: Quando você viu a reconstituição, na televisão, feita pela polícia, como é que você se sente?

Assessora: Eu não acredito que eu tava ali, eu não entendo como eu sai daquilo ali.

Renata: A assessora estava sempre com Marielle. Como na noite de quarta-feira, ela acompanhava Marielle, em um encontro de mulheres negras, contra o racismo e o preconceito.

Assessora: E a Marielle muito feliz, porque foi um evento lindo assim, estava lotado.

Renata: Era comum ela pegar carona com Marielle.

Assessora: A gente tinha o hábito de algumas vezes por semana voltarmos juntas pra casa porque somos vizinhas de bairro. A Marielle nunca andou atrás, nos carros. Só que nesse dia ela falou vou ai atrás com você pra gente ir vendo umas fotos. E ainda brincou com o Anderson dizendo: hoje eu vou de madame aqui atrás, e fomos juntas.

Renata: E em que momento você percebeu que tinha alguma coisa errada?

Assessora: Eu não percebi. Estávamos olhando o celular um minuto antes mais ou menos, eu vi a Marielle comentar alguma coisa tipo, eita, mas uma coisa muito tranquila.

Renata: Como se tivesse levado um susto?

Assessora: Não, não era um susto.

Renata: Talvez um carro se aproximando?

Assessora: Eu não fiz esse raciocínio. Só lembro que na hora da interjeição dela, exatamente nesse momento, eu ouvi uma rajada. Eu me abaixei na mesma hora.

Renata: Você não tinha percebido que ela tinha sido atingida até então

Assessora: Não, eu tava achando que ela tava abaixando junto comigo. Foi um barulho forte, mas foi um barulho rápido. E o vidro quebrando e eu não tinha certeza de qual era o vidro. Mas na hora o que me ocorreu foi, estou passando em um fogo cruzado e eu perguntava que isso gente o que é que está acontecendo. Nesse momento o Anderson fez assim, ai. E eu tava ali abaixada, eu não vi o que é que era. Não vi se isso veio de um carro, de uma moto nada, eu não sei de onde veio. E eu percebi que os braços do Anderson, que seguravam o volante, caíram. Ai eu fui direto na marcha, tentar colocar a marcha em ponto morto, o carro tava indo pra esquerda.

Renata: E como é que você parou o carro?

Assessora: Dessa forma, eu puxei a marcha, segurei o volante com a mão esquerda, eu estava espremida ali entre os dois bancos da frente, puxei o freio de mão e o carro foi parando, o carro não estava muito rápido, o carro parou logo. Eu ouvi aquele plac das travas abrindo, e sai. Sai agachada e com aquele medo de estar numa zona de conflito, de tiroteio. Fui percebendo que não tinha tiroteio. Fui sinalizando para os carros que estavam passando e gritando socorro. Nesse momento chegou uma mulher, que foi assim um anjo, me acalmou e eu só queria ligar, pro meu marido e pra ambulância. E eu falava tenho que ligar pra ambulância e ela falou calma, eu já liguei. Já chamei a polícia, já chamei a ambulância, você se acalma. Tem que saber como você está, você está ensanguentada. Ai que fui me dar conta que estava ensanguentada.

Renata: O sangue não era dela, ela não sofreu nenhum ferimento grave.

Assessora: Eu procurava meu celular dentro da bolsa, não me toquei que eu não estava com ele na bolsa. Eu tava com o celular na minha mão dentro do carro. Eu voltei no carro e vi que ele estava no lugar que eu estava sentada, ai eu peguei, mas não consegui ver muitos detalhes, eu tava focada em pegar o celular e chamar a ambulância.

Áudio da assessora: Está tudo bem comigo, mas a Marielle está desmaiada. O Anderson também. Eu não sei o que fazer. Reza por mim, reza pela Marielle, reza pelo Anderson.

Renata: Que momento você percebeu que eles não estavam desmaiados?

Assessora: Foi no momento em que a polícia chegou, que eles chegaram comentando, já notificando que são dois mortos e uma sobrevivente. A coisa do sobrevivente me marcou muito assim.

Renata: Porque?

Assessora: Porque eu queria a Marielle viva, eu queria o Anderson vivo. Porque sobreviver é uma coisa muito cruel. Porque eu preciso sobreviver, que coisa horrenda é essa. Que violência é essa.

Os: trilha sonora, som de coração, imagem pulsando.

Tadeu: O que você vai ver agora são imagens inéditas captadas por uma câmera de segurança momentos antes dos assassinatos de Marielle e do motorista Anderson.

Poliana: O vídeo mostra como os prováveis assassinos ficaram de tocaia a espera da vereadora e do motorista. A reportagem é de Sônia Bridi e de Eduardo Faustini.

Bridi: Quando a vereadora Marielle Franco deixou a Câmara Municipal, já estava atrasada. O evento no espaço cultural Casa das Pretas era as seis da tarde, mas ela saiu pouco antes das sete. Já estaria sendo seguida. As seis e cinquenta e oito um cobalto prata para em frente o local do evento. Sem vaga para estacionar fica na saída de um beco.

Fernando Veloso: ele chegou e apagou todas as luzes. É um carro todo insulfilmado.

Bridi: dá pra ver uma luz dentro do carro.

Veloso: se trata de um telefone, de um aparelho e a oscilação da imagem pode indicar que o operador ali está mandando mensagem, ele está usando esse aparelho.

Bridi: dois minutos depois o carro dirigido por Anderson passa pelo dos prováveis assassinos e também sem encontrar vaga para um pouco a frente. Mariele e mais duas pessoas dessem e

param na casa das pretas. Anderson volta de ré na contramão e quase bate no carro dos supostos assassinos. Antes de parar, já fora do alcance da câmera.

Veloso: Hipoteticamente, se tivesse havido aí um esbarrão no carro isso poderia ter suspenso a operação que eles estavam executando. Porque certamente o Anderson ia desembarcar, ia ver as pessoas que estão ali.

Bridi: Em pleno bairro boêmio da Lapa, a rua é movimentada nessa hora. Em nenhum momento, os prováveis assassinos, saíram do carro. Quem passava nem percebia que esse carro estava ocupado, por causa da película escura dos vidros. Mas se essas imagens não mostram quem são esses assassinos, elas revelam muito sobre como esse crime foi planejado e executado. Quantos homens haviam no carro, provavelmente três. Com certeza dois. O motorista que meche no celular e um homem do lado esquerdo do banco traseiro. Podemos ver o momento em que ele estende o braço no banco traseiro do carro e logo retira.

Veloso: Esse braço aqui, muito provavelmente é o braço da mão que apertou o gatilho, que fez os disparos contra a vereadora.

Bridi: assim que abre uma vaga, o cobalto muda de lugar, deixando espaço para sair rápido se precisar. Vinte minutos depois abre outra vaga. Anderson agora, fica na frente do carro dos prováveis assassinos. O motorista deixa o carro e parece entrar na casa onde Marielle fazia seu último evento público. Lá fora os suspeitos esperam no carro fechado e desligado. Voltamos a ver Anderson de novo às 19 e cinquenta e quatro. Ele vai em direção ao carro. Tranca e destranca várias vezes. Entra e sai logo em seguida, passa bem ao lado dos supostos assassinos. E volta para o lugar de onde veio. Às vinte e cinquenta e quatro, ele já está ao lado do carro dele. Destranca. Às vinte uma e três a vereadora sai da casa das pretas. Ela que sempre andava ao lado do motorista, decide ir atrás com a assessora. O carro parte, o cobalto segue, sem acender nem uma luz, nem dar sinal. Freia para deixar passar um carro preto e avança, ainda de luz apagada. Logo depois vemos outro carro prata passar, um logan, que estaria com placas clonadas

Veloso: Esse outro carro devia estar mais atrás, e logo que eles saíram inicia a etapa da perseguição. Eles vão percorrer aqueles quatro quilômetros, antes de chegar no ponto em que houve a efetiva execução.

Bridi: a perseguição é registrada por várias câmeras. Mostram o carro branco, dirigido por Anderson e os dois carros suspeitos, a última imagem é a 400 metros de onde Marielle e Anderson foram mortos.

Veloso: é um local com muito pouca iluminação, sem câmeras de vigilância e um local que tem saída para vários lados.

Bridi: onde a velocidade é reduzida, por causa de uma curva, os assassinos encostam pelo lado direito. A assessora diz que ouviu uma rajada. A pistola nove milímetros estaria com o kit rajada. Que permite disparar 20 balas por segundo. Pelo ângulo das balas, ao Alvejar Marielle, os atiradores mataram também o motorista Anderson. O atirador botou a mão para fora e nove dos treze cartuchos caíram na rua. A perícia deles mostrou que a munição foi desviada da polícia federal.

Veloso: são pessoas que sabem manusear bem o armamento, escolheram bem o armamento empregado. Pode haver a participação de pessoas ligadas a polícia, ou ligadas, de alguma forma,

as forças armadas. Não há como afirmar isso. Mas há como afirmar, que são pessoas com treinamento. Se trata de uma execução, se trata de um crime que foi planejado, com o objetivo específico de executar a vereadora.

Bridi: quem matou Marielle e Anderson? Quem mandou matar?

Imagem no muro com os dizeres: Intervenção é farsa! Vida negra importa! Somos mulheres fortes!

Veloso: quem está por trás da motivação não puxou o gatilho, quem está por trás da execução, possivelmente nem no local estava. Mas deixou rastro de alguma maneira.

Poliana: Quem tiver qualquer informação sobre o crime pode ligar para o disque denúncia do Rio. O DDD é 21 e o número 22531177 ou mandar mensagem pro whatsapp, DDD 21 também e o número 988496099. As denúncias são anônimas e quem colabora tem a identidade preservada.

Tadeu: O que são direitos humanos? (pessoas na rua respondem)

X: Bem, direitos humanos pra mim é....

Y: Eu vejo os direitos humanos no Brasil atuar mais pra quem mata do que as pessoas executadas.

X: Respeito e ética pra todo mundo.

Tadeu: O que são direitos humanos?

Margarida Perssburger: Direitos humanos é tudo! É dignidade. É tudo que se resume em dignidade. É igualdade é paridade. Somos todos iguais, todos temos os mesmos direitos.

Tadeu: A declaração universal dos direitos humanos foi proclamada numa assembleia geral da ONU em 1948. Todos os membros, incluindo o Brasil, aderiram ao texto, que diz: todos nascem livres e iguais, em dignidade e direitos e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade. Todo ser humano tem direitos, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião ou qualquer outra condição. Todo ser humano tem direito a vida, a liberdade e a segurança pessoal. Marielle defendia esses direitos.

Repórter: o olhar é de quem já nasceu sabendo que pra ser ouvida tinha que falar bem alto.

Marielle: Não serei interrompida! Não aturo interrompimento dos vereadores dessa casa, não aturarei de um cidadão que vem aqui e que não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita.

Roberta Calábria, Movimento mães e crias na luta: A Marielle era uma potência. Não havia um movimento social no Rio de Janeiro que não conhecesse a Marielle e não sentisse representado por ela.

Repórter: O olhar é de quem um dia ficou cara a cara com o destino e o desafiou, disse não.

Freixo: Ela consegue fazer faculdade de sociologia, que era um sonho dela e não é brincadeira uma mulher negra da favela chegar numa universidade. Então a Marielle sempre foi uma pessoa que desafiou todos os limites que a vida no Brasil coloca.

Repórter: Fez pós graduação, mestrado, sentiu que precisava lutar não mais só por ela.

Roberta: Ela entrou na militância a partir de um ato de violência. Ela perdeu uma amiga vítima de uma bala, em uma manifestação. Então ela se mobilizou através da dor.

Freixo: E aí quando a Mari anuncia pra mim o desejo dela ser candidata a vereadora, isso me deu um orgulho, uma alegria imensa.

Repórter: Foi eleita! Mas de 46 mil votos na primeira candidatura. A quinta vereadora mais votada do Rio. E só 10% desses votos eram das favelas.

Roberta: Pessoas que não tinham nenhum movimento político e nunca na vida ouviram a Marielle falar e sabiam que ali tinha uma coisa diferente. A Marielle fez uma fissura no sistema, ela estava ocupando um lugar que historicamente as mulheres da posição dela não ocupam.

Freixo: Ela é tão firme quanto amorosa. Tão firme quanto carinhosa. Tão firme quanto doce. Isso é muito raro na vida política.

Tainá de Paula, Arquiteta, Urbanista e membro da #PaartidA: aquele gabinete estava sempre aberto. E cheio de gente.

Roberta: Várias vezes eu vi a Marielle Franco dando o telefone pessoal dela e falando, qualquer coisa me liga. Era muito acessível. As mulheres negras, as mulheres da favela, as mulheres lésbicas, as bissexuais encontraram nela um caminho de escuta que jamais existiram na política do Rio de Janeiro.

Repórter: Também enfrentou o ódio, desconfiança.

Roberta: Ela incomodava muito. Quem é essa mulher, de onde ela tá vindo.

Repórter: Marielle Franco foi da comissão de direitos humanos e também da de defesa das mulheres, brigou por mais casas de parto no Rio e denunciava a violência policial. Trabalhou incansavelmente. Em pouco mais de um ano apresentou vinte projetos de lei. Atualmente fazia parte da comissão que fiscalizava as ações da intervenção Federal no Estado do Rio. Na sua última noite, ela estava feliz. Dessa vez a roda de conversa era pra comemorar as vitórias dela e de outras ativistas.

Marielle: a mulherada que está aqui só gratidão.

Repórter: Aline, que aparece no vídeo ao lado de Marielle, iria embora com ela. Você ia pegar uma carona com ela nesse dia?

Aline: É, porque a gente ia pro mesmo lugar assim basicamente. E aí eu esqueci meu carregador, de celular e voltei pra buscar. E falei não precisa me esperar não, pode ir. E aí eu fiquei, e estou aqui, pra contar essa história pra vocês. E eu estou viva. E eu estou mais viva do que nunca.

Repórter: Não teve carona, não teve a festa programada pro dia seguinte, não teve chance. Mas a Marielle, tá viva!

Freixo: Quem matou a Marielle achando que ia provocar silêncio, cometeu o maior erro da sua vida. A Marielle nunca provocou silêncio. A Marielle faz barulho. A Marielle vai brotar em cada esquina.

Tainá: a gente não está apagando o sonho de uma mulher negra, ou de um homem negro, a gente tá apagando o sonho de ser um Brasil diferente.

Roberta: Estamos juntas e somos muitas, porque agora ela vai encontrar o descanso dela, mas a gente não.

Tadeu: Em São Paulo manifestantes fizeram um protesto contra os assassinatos de Marielle Franco e do motorista Andersson Gomes.

Repórter: Os manifestantes se reuniram na avenida paulista, levaram flores brancas, fotos e cartazes pra lembrar a vereadora. Mulheres ligadas à movimentos negros jogaram tinta vermelha representando o sangue dos que são vítimas da violência nas escadarias do prédio da justiça federal e na calçada do prédio onde fica o escritório da presidência da república em São Paulo.

Poliana: Anderson Gomes dirigia o carro e morreu com Marielle, eu conversei com a viúva do Anderson, a Agatha, e ouvi dela palavras comoventes de força e muita esperança.

Eu vim aqui hoje, porque muitas vezes quando a gente conta a história de uma pessoa, a gente conta a história de muitas.

Tiroteio na Rocinha/ Complexo do Alemão.

Poliana: Ágatha, quem era o Anderson, como você descreve o seu marido?

Ágatha: Meu marido estava sempre alegre, ele era uma pessoa muito calma, as vezes a gente discutindo e ele calmo. Saía pra ajudar os amigos, a família. Ele era esse homem, querido por todo mundo e muito bom.

Poliana: A história de Anderson e Ágatha

Ágatha: numa festa a gente se conheceu, depois de um tempo ele me ligou, disse que tinha sido por engano, já que meu nome é com a o primeiro da lista. Ficou puxando assunto comigo. Nós moramos perto, mesmo bairro, ele foi lá em casa, a gente conversando, a gente começou a sair, mais ou menos um ano depois ele me pediu em casamento, no restaurante.

Poliana: tem essa aliançona no dedo, grossona.

Ágatha: tenho, do jeito que eu queria. Pra mostrar nosso amor, pra todo mundo. Pra ver de longe. Nós casamos, compramos nosso apartamento. Financiamos, mobiliamos, fizemos tudo juntos, até pra subir com as coisas, a gente subiu juntos, nós pintamos juntos.

Vídeo de Anderson sabendo da gravidez de Arthur.

Anderson: Anderson, agora dentro de mim batem dois corações apaixonados, por você. Que isso amor? Que que isso amor? Você tá de sacanagem! Mentira! Sério? Mentira!

Ágatha: Nosso Arthur. A gente junto nos percalços que a gente passou pra ter o Arthur, foi uma luta. Ele tava com o fígado e o intestino dentro do cordão umbilical, depois que ele nasceu ele operou com dois dias de vida, foram 28 dias internado, na UTI, todas as vezes ele foi comigo ou ele me levava e ficava comigo todos os dias.

Poliana: A história de Anderson e Arthur.

Ágatha: ele rodava à noite para ficar com o Arthur de manhã, que era o período que eu estava no trabalho. Dava comida, fazia tudo, ele era louco pelo Arthur. Acho que ele era tudo que ele queria na vida era ter o filho dele. Então ele fazia sem reclamar. Tudo pro filho,

Poliana: ele dirigia um Uber e procurava emprego de mecânico de aviões, um sonho dele.

Ágatha: ele era nossa rocha de casa, era ele.

Poliana: e de repente numa noite você recebe um telefonema.

Ágatha: eu fui acordada pela minha irmã, pedindo só pra eu abrir a porta. Eu achei que tivesse acontecido alguma coisa e que ela iria lá pra casa. Ela foi com a minha madrinha e a minha cunhada e já me falaram fica calma, Anderson morreu, já me seguraram. E ali eu vi que eu ia ficar sem chão por um bom tempo.

Poliana: E de novo a história de muita gente.

Ágatha: a gente tinha se falado oito e pouca da noite, pelo celular, mandando umas mensagens, conversando, sobre a situação do Arthur porque a gente teria que levar ele na consulta no dia seguinte, na quinta-feira. E ele disse que daqui a pouco tá acabando a reunião aqui e eu vou pra casa.

Poliana: Anderson trabalhava a dois meses com a vereadora Marielle. E porque você decidiu falar comigo?

Ágatha: eu acho que o Anderson merece não ser esquecido. E se de alguma forma ele puder fazer diferença, se a morte dele mudar qualquer coisa que seja, vai ter um significado, uma importância.

Poliana: nesse momento ainda é possível ter esperança?

Ágatha: eu acredito que sim. Não tem como desistir. É luta sempre, a Marielle já dizia e todas as pessoas que estão engajadas ainda. Lutando pela população, lutando por suas causas e isso é esperança. Esperança de que as coisas vão melhorar sim. Que tem um caminho, tem uma solução. Não é possível que a gente vai ficar abandonado pra sempre.

Poliana: Obrigada por ter aceitado conversar comigo nesse momento de tanta dor. Mas assim como você eu acredito que contar a história do Anderson é falar do Anderson e falar de tantas pessoas.

Tadeu: o PSOL vai entrar com uma ação na justiça contra a desembargadora Marília Castro Neves, que publicou informações falsas sobre Marielle Franco e vai denunciar ao conselho de ética o deputado Alberto Fraga, do DEM, por postagens contra a vereadora.

Repórter: a ação do PSOL vai ser contra as calúnias espalhadas nas redes sociais sobre a vereadora Marielle Franco. O ódio, o preconceito e a mentira se espalharam apenas algumas horas após o assassinato. Na sexta feira, a desembargadora Marília Castro Neves, do Tribunal de Justiça do Rio, postou em uma rede social: a tal Marielle não era apenas uma “lutadora”; ela estava engajada com bandidos! E que teria sido eleita por uma facção criminosa. A produção do Fantástico não conseguiu contato com a desembargadora. Uma versão parecida, foi divulgada, também na sexta, pelo deputado Alberto Fraga do DEM, ele publicou que Marielle, teria engravidado aos 16 anos e que teria sido casada com o traficante. Ontem, Alberto Fraga apagou a postagem e admitiu que compartilhou as informações sem checar.

Alberto Fraga: O arrependimento talvez, é de ter colocado algo que eu não tenha checado. Por ser um policial, por ser um Coronel da Polícia, eu deveria ter tido uma informação mais

consistente. De uma fonte idônea. Eu não chequei as fontes. Realmente isso eu posso dizer que foi verdade.

Repórter: nós procuramos a família e amigos da Marielle para checar informações. A vereadora tinha 38 anos e engravidou aos 19 da única filha, Luiara, além disso, nunca foi casada com o traficante Marcinho VP, citado nas mensagens. Existiam dois traficantes com esse nome. Um deles morreu em 2003 e o outro está preso. O pai da Luiara é Glauco dos Santos. Marielle foi eleita com votos de todas as zonas eleitorais do Rio. Além da Maré e das outras comunidades em que atuava, teve 40 % dos seus votos na Zona Sul e na Barra da Tijuca.

Repórter: o PSOL vai entrar com uma representação contra a desembargadora no Conselho Nacional de Justiça e vai denunciar o deputado ao Conselho de Ética da Câmara.

Tarcísio Motta, vereador PSOL: vamos mapear todo e qualquer ataque que venha na internet para entregar a delegacia de repressão aos crimes de informática. Para cada caso, nós vamos ver onde é possível responsabilizar essas pessoas, do ponto de vista do lugar que elas ocupam e que não poderiam estar fazendo esse tipo de difamação de uma história que é uma história tão bonita e tão rica, e difamar, caluniar, não podemos esperar que isso aconteça.

Repórter: além do deputado e da desembargadora, um perfil com o nome do delegado Jorge Ferreira, da polícia de Pernambuco, publicou uma mensagem com as mesmas calúnias contra Marielle. A secretaria de defesa social de Pernambuco disse que afastou o delegado do plantão da Delegacia da Mulher, por causa das declarações em uma rede social. E que o conteúdo da mensagem foi encaminhado à Corregedoria, que iniciou uma investigação. O delegado negou que tenha feito a postagem e registrou uma queixa na delegacia por difamação.

Jorge Ferreira: é muito grave isso, minha imagem está sendo denegrida. Eu estou sendo atacado, em todos os lugares, como se eu tivesse feito uma coisa que eu não fiz. Eu repudio veementemente isso.

Carlos de Lannoy: quando você recebe uma informação que prejudica a imagem de alguém, é preciso tomar cuidado. É imprescindível checar, antes de passar adiante. Por isso os especialistas consideram tão grave quando alguém divulga uma informação mentirosa é uma autoridade.

Felipe Santa Cruz, presidente da OAB, RJ: o que reproduzimos sem verificação nas redes sociais fala sobre nós. Nós não podemos fazer isso, é gravíssimo. Nós estamos falando de outro, nós estamos falando de uma pessoa. Quando uma autoridade faz isso, sem verificar a veracidade do que está falando. Ela está, na verdade, cometendo um crime, difamando, caluniando, ela está traindo o seu compromisso profissional. Traindo o seu papel público.

Repórter: hoje à tarde, moradores da Maré fizeram uma marcha em homenagem à Marielle e ao motorista Anderson Gomes.

Y: Pra que a gente possa dar o nosso recado a sociedade diante da barbárie, da violência que foi cometida não só com a Marielle mas tudo o que ela representava, não só pra favela, mas também para as mulheres negras e toda a minoria.

Z: muito importante o ato, pedindo por justiça por Marielle, por Anderson e por muitas outras muitas vítimas que o Estado tem feito.

Repórter: cerca de cinco mil pessoas caminharam pela linha amarela e pela avenida Brasil, com faixas e cartazes.

Poliana: Em entrevista exclusiva à repórter Renata Ceribelle a família de Marielle reagiu com indignação aos ataques contra a memória da vereadora.

Tadeu: O fantástico também conversou com a Mônica, companheira da Marielle, a tragédia pois fim a um sonho delas, o casamento, que tinha até data marcada.

Renata: Ainda é muito difícil para Mônica, aceitar o que aconteceu (na mão uma aliança).

Em vários momentos a entrevista foi interrompida porque ela chorava muito. Mas Mônica fez questão de falar, de contar sua história com Marielle. A Marielle e a Mônica moravam nessa casa a um ano e meio, mas a história de amor de vocês começou bem antes disso né?

Mônica: Começou, a gente tem, entre idas e vindas, 12 anos mais ou menos de relação. 13 anos agora. E desde o primeiro momento que eu a vi, a gente teve uma empatia muito grande.

Renata: É essa época aqui, da foto?

Mônica: Isso é um ano depois que a gente se conheceu, a gente tinha acabado de começar a namorar.

Renata: Mônica, deve estar sendo muito difícil, estar aqui nessa casa

Mônica: Essa é a segunda vez que eu entro aqui, tudo eu pensava assim, com muito carinho, porque a rotina dela é muito difícil e eu queria que ela chegasse em casa e encontrasse um espaço de acolhimento. Tudo isso a gente foi construindo com pouco. Uma hora comprava um tapete, porque era o que dava pra fazer com a grana, outra hora comprava um outro objeto e ia montando as coisas sempre com muito carinho, muito cuidado.

Renata: Ela me leva para conhecer um espaço especial que ela tinha com Marielle, na área externa da casa.

Mônica: a gente virou duas noites fazendo e montando as plantas....

Renata: Mônica conta que o último contato com Marielle foi pelo celular quando a vereadora estava no carro, voltando para casa.

Mônica: ela mandou uma mensagem, já to no carro, tá precisando de alguma coisa, precisa que eu leve alguma coisa. Eu falei que não. Cheguei em casa, achei que ela fosse chegar um pouco primeiro que eu. E ela não tinha chegado, comecei a fazer as coisas. Ai eu liguei e ela não atendeu. Eu liguei de novo, liguei mais uma vez, ai liguei mais vinte vezes. Enquanto eu tava ligando pra ela a ligação entrou e eu atendi, na hora, sabendo que tinha acontecido alguma coisa. Eu perguntei, Lia cadê a Marielle. Ela falou Mônica a Dani tá na porta, ela tá precisando entrar. Eu falei, aconteceu alguma coisa, ela falou, aconteceu.

Renata: a Dani era quem, uma amiga que tava na porta da sua casa?

Mônica: Uma amiga nossa que veio me avisar. Mas quando eu abri o portão e vi a cara da Dani. Eu falei Dani o que aconteceu? Cadê a Marielle? E ela falou, você precisa ser forte, a Marielle morreu.

Renata: ela falava se tava sendo ameaçada, ela se sentia em risco?

Mônica: nada ela estava feliz, tava despreocupada, planejando o casamento, pro ano que vem.

Renata: Na casa dos pais de Marielle, a dor é a mesma. Pai, irmã, mãe e filha unem forças, pra enfrentar esse momento.

Mãe: é difícil, é difícil porque a gente cria, não tem como você dimensionar a dor de uma mãe. Entendeu, a dor que a gente sente, porque é um pedaço da gente que se vai.

Pai: só tinha uma maneira de calar minha filha, é o que eles fizeram com ela. Porque se eles não matassem ela, ela ia alçar voos mais altos. Ela ia chegar muito mais longe.

Renata: Onde que você está encontrando forças, é na sua família?

Filha: é na minha família. Na minha avó, na minha tia, no mundo inteiro também. Saber que o legado dela está feito, ver as pessoas com ela, lutando pela justiça, deixa o meu coração mais calmo. Tem uma família aqui. A gente perdeu, achou que falo por todos, o nosso melhor lado. Ela era a nossa fortaleza.

Renata: além da dor da perda, a família sofre com os comentários de ódio e calúnias que invadiram a internet.

Mãe: chamar a minha filha de bandida que defende bandido, é inadmissível.

Filha: a minha mãe não era nada disso.

Irmã: é inadmissível um ser humano comemorar a morte de outro ser humano. Não tem cabimento, não tem como aceitar uma situação dessa.

Pai: do Brasil, poucas pessoas têm condição de falar da minha filha, falar mal da minha filha.

Mãe: a gente têm uma formação católica, graças a Deus. A gente não quer pagar o mau com mau. Mas não vai ficar impune, não quero que fique.

Renata: que lição você não vai esquecer jamais, da sua mãe pra você?

Filha: que a vida tem que continuar, tem que levantar a cabeça. Tinha uma frase que ela sempre dizia pra mim que era a vida é dura Luiara, a vida é dura bebê. A vida é dura e a gente vai estar junto aqui, se fortalecendo, seguindo, lutando por ela e pedindo justiça.

Tadeu: o Governo anunciou agora à noite a liberação de dinheiro para a área de segurança. A decisão foi tomada numa reunião no palácio da Alvorada. Quem tem as informações ao vivo de Brasília é o repórter Nilson Klava.

Nilson: Boa noite Tadeu, boa noite a todos que nos acompanham aqui. O Presidente Michel Temer se reuniu com alguns ministros da área econômica e da área de segurança, aqui no Palácio da Alvorada. Logo na saída o ministro do planejamento Diogo Oliveira disse que o governo vai criar um crédito extraordinário para a intervenção federal na segurança pública do Rio de Janeiro. O ministro disse ainda que o governo irá destinar alguns bilhões de reais para a área de segurança. A maior parte vai pro recém criado ministério da segurança pública. E a outra parte, que ainda não foi definida, vai para a Intervenção Federal no Rio de Janeiro. Agora Tadeu, o Congresso Nacional precisa definir e aprovar todos estes valores, mas para liberar esse dinheiro pro Rio o Governo vai editar uma medida provisória criando este crédito extraordinário que não tem impacto pro teto de gastos. Já pro novo Ministério, será criado, será editado um novo projeto de lei que vai remanejar dinheiro de outras áreas e de outros Ministérios, para a

segurança pública. Amanhã, o interventor nacional na segurança pública do Rio o General Braga Neto vai ser reunir com o Governador Luiz Fernando Pezão pra discutir ações e também pra bater o martelo e definir o orçamento necessário. Poliana.

Poliana: Obrigada Nilson. Foram enterrados hoje no Rio, corpos de três moradores do Complexo do Alemão que morreram durante um tiroteio na sexta-feira. Um deles, o pequeno Benjamin, tinha apenas um ano.

Repórter: a dor de um adeus inesperado.

Pai: eu recebi um telefonema e me deram a notícia de que meu filho tinha sido baleado. Me deu um tremor na perna e eu pensei a todo momento que era mentira. Mas, infelizmente era verdade.

Repórter: a revolta diante de uma morte brutal.

Sobrinho: hoje eu to enterrando minha tia, amanhã eu posso estar enterrando meu irmão, meu sobrinho, entendeu, um neto, uma filha.

Repórter: a sensação de impotência numa despedida dolorosa.

Filha: tem que ter alguma solução, porque o meu pai não é o primeiro, meu pai não vai ser o último. Pode ser eu, pode ser você.

Repórter: Benjamim, um ano e sete meses. Maria Lúcia, 58 anos e José Roberto, também de 58. Eles estavam nessa rua, no Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio, quando começou um confronto entre policiais e bandidos na sexta-feira à noite e acabaram atingidos por balas perdidas. Ainda não se sabe se os tiros que atingiram os três partiram dos PMs ou dos criminosos.

Paulo Mario Martins: em meio ao luto, moradores do Complexo do Alemão se viram de novo diante de um tiroteio. Bandidos atacaram a base de uma das unidades da polícia pacificadora do conjunto de favelas. Foi na comunidade da Fazendinha, hoje pela manhã. Durante a madrugada a PM fez uma operação por lá. Apreendeu um fuzil e munição, e divulgou a imagem da arma, um retrato do Rio de Janeiro que ninguém aguenta mais.

(...)

Poliana: Primeiro um esclarecimento, a pouco o comentarista de segurança da tv Globo, Fernando Veloso disse que os assassinos da vereadora Marielle sabiam como operar a arma, tinham treinamento pra isso. Mas ele enfatizou, como tem feito e repetido sempre, que não se pode afirmar que os assassinos eram pessoas ligadas a polícia ou de alguma forma as forças armadas. Na opinião dele os assassinos são o que comumente se chama de pistoleiros. A construção da fala porém deu margem a que essa declaração pudesse ser mal entendida pelos telespectadores e daí o esclarecimento que a gente faz agora, em nome do Fantástico e dele.